

Carlos Alberto dos Santos Dutra

A OUTRA FACE DO RIO GRANDE
IDEOLOGIA E MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO HISTÓRICO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas
2001

Carlos Alberto dos Santos Dutra

A OUTRA FACE DO RIO GRANDE
IDEOLOGIA E MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO HISTÓRICO

MONOGRAFIA apresentada à Comissão Julgadora do Curso de Pós Graduação, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.

Orientador: Prof. MSc. José Alcione Feitosa Leal.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas
2001

BANCA EXAMINADORA

Prof. MsC. José Alcione Feitosa Leal

Prof. MsC. Germano Molinari Filho

Prof. MsC. Nazareth dos Reis

DEDICATÓRIA:

*Dedico esse trabalho a meu avô paterno
ANICETO DE SOUZA (in memoriam).*

*Que a lembrança gaudéria da pampa,
de Cacequi a Rosário
nascidouro deste taita,
nos aqueça em mil fogões.
Que o antepassado indígena
herança Minuano e Charrua que conservou,
ao lado da companheira, avó Theodora,
e os filhos Juvelino e Guilherme,
Augusta e Modesta, Tereza e Jurema,
e Vilson, meu honrado pai,
continuem fazendo chegar ao neto,
o orgulho de ser gaúcho.*

AGRADECIMENTOS

*A Yaveh,
Deus dos pobres e Deus libertador;*

*A meus pais Vilson e Laura,
pela educação;
A minhas filhas Maria Angélica, Laura e Daline
pela alegria;*

*A minha esposa Vilma,
pelos horizontes ;
A meu orientador, Prof. MSc. José Alcione Freitas Leal,
pelo esforço;*

*Ao Prof. MSc. Nazareth dos Reis,
pela lembrança,
Ao corpo docente da Pós-Graduação,
pela consciência.*

SUMÁRIO

Glossário.....	7
Introdução.....	10
Capítulo I- A formação etno-histórica do Gaúcho.....	16
1- Cavaleiros errantes.....	16
2- Egressos da sociedade.....	17
3- Genocídio silencioso.....	20
4- Qualquer coisa gerada pelo chão	23
5- Lumpen da estrutura fundiária.....	25
6- Verdades e fantasias sobre o gaúcho.....	28
7- O usufruto geral da terra.....	30
8- A sangue e a fogo.....	32
9- Campanhas de perseguição.....	35
10- Os heróis anônimos.....	37
11- A mulher autóctone gaúcha.....	39
Capítulo II- A ideologia do gauchismo.....	45
1- O nascimento do mito.....	45
2- Entre a estância e o acampamento.....	49
3- O mito da submissão da mulher.....	53
4- A construção do mito.....	55
5- A discutível coragem do guasca.....	58
6- O dissimulado arquétipo do rebelde.....	61
Considerações Finais.....	69
Referências Bibliográficas.....	74

GLOSSÁRIO

Alambrado	-Cercado com arame, cerca de fios de arame.
Alambrador	-Aquele que constrói cercas.
Alpercatas	-Sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou pano.
Ameríndia	-América indígena; termo utilizado para distinguir o índio americano do índio asiático.
Andejes	-Que anda ou caminha muito, por muitas terras; andarengo.
Aperos	-Conjunto de peças necessárias para encilhar o cavalo; arreios.
Bombacha	-Calça muito larga em toda a perna exceto no tornozelo, onde é presa por botões; vestimenta típica do gaúcho.
Cambiar	-Trocar, mudar, permutar.
Campanha	-Região ondulada em coxilhas, cobertas por vegetação herbácea, onde predomina a pecuária e as estâncias de gado no Rio Grande do Sul.
Campeador	-Aquele que campeia; campeiro, aquele que trabalha no campo.
Campesino	-Pertencente ou próprio do campo, campesinho, campeiro, camponês.
Capão (1)	-Carneiro castrado
Capão (2)	-Porção de mato isolado no meio do campo.
Castelhano	-Natural ou habitante do Uruguai ou da Argentina.
Caudilho	-Chefe militar, chefe de facção política influente no Rio Grande do Sul.
Changa	-Trabalho temporário, sazonal; fazer “bicos”, “biscate”.
Changueador	-Changador, que vive de carretos e pequenos trabalhos de favor.
Charla	-Conversa
Charque	-Carne salgada
Charqueada	-Estabelecimento onde se fabrica o charque; saladeiro.
Charrete	-Veículo leve de duas rodas puxado por um cavalo.
Charrua	-Tribo indígena que habitava parte do território do Rio Grande do Sul, quando essas terras ainda pertenciam à Banda Oriental do Uruguai.
Chimarrão	-Infusão da erva mate sem açúcar, tomada numa cuia de porongo (cabaça); bebida de origem indígena característica no Sul do Brasil.
Chimarrones	-Gado que foge para os matos e se torna selvagem; alongado.
China	-Mulher gaúcha, originalmente indígena; concubina, cabocla.
Chiripá	-Vestimenta sem costura usada pelos gaúchos habitantes do campo para proteção do frio, passava entre as pernas e era presa na cintura.
Churrasco	-Porção de carne, sem maiores temperos assada no calor da brasa, em espeto ou sobre a grelha; comida típica do gaúcho.
Cincha	-Faixa de couro que passa por baixo da barriga do cavalo para segurar a sela; cinchar, apertar a cincha
Compáscuo	-Pasto comum.
Criollo	-Diz-se de indivíduo de raça branca nascido nas colônias espanholas na América; no Rio Grande do Sul, hoje, quer dizer o indivíduo natural de qualquer parte do Estado; nativo.
Cusco	-Cão pequeno, de raça ordinária; guaipeca.
Degola	-Cortar o pescoço ou a cabeça; decapitar; degolar, decepar.

Diserto	-Que se exprime com facilidade, simplicidade e elegância; eloqüente.
Encomiástico	-Referente a encômio, louvor, elogio, gabo.
Entrevero	-Confusão entre pessoas, animais ou objetos; numa peleja quando as tropas se misturam, lutando individualmente.
Estacieiro	-Proprietário de estância (fazenda), líder influente política e economicamente no Rio Grande do Sul; estanceiro.
Gauche	-Primitivo habitante do campo, descendente, na maioria, de indígenas Minuano e Charrua, portugueses e espanhóis; gaúcho.
Guaiaca	-Cinto largo de couro provido de bolsinhos, usado par as guardar dinheiro e também para o porte de arma e munição.
Gurizada	-Criançada, grande número de guris (menino)
Haragano	-Cavalo que dificilmente deixa-se agarrar, vive solto; diz-se da pessoa que vive a vadiar, vagabundo, velhaco.
Igualzito	-Igual, que tem a mesma aparência; idêntico.
Invernada	-Pastagens rodeadas de obstáculos naturais ou artificiais, onde se guardam animais bovinos.
Mate	-Erva-mate; bebida feita com a infusão de folhas secas da <i>ilex paraguariensis</i> servida em cuia de porongo (cabaça).
Matreiro	-Muito experiente, astuto, sabido.
Minuano	-Tribo indígena que habitava parte do território do Rio Grande do Sul, quando essas terras ainda pertenciam a Banda Oriental do Uruguai.
Missioneiro	-Habitante da região pertencente às antigas missões jesuíticas do Uruguai e Rio Grande do Sul.
Missões	-Região situada no atual estado do Rio Grande do Sul, a Leste do Uruguai; Reduções constituídas por sete povoações indígenas (San Nicolás, San Luís, San Lorenzo, San Borja, San Ángel, San Baptista e San Miguel), controladas por jesuítas espanhóis. Localizada em região de permanentes disputas entre Portugal e Espanha, após o Tratado de Madri (1750) passaram para o domínio português. Liderados pelos jesuítas, os indígenas guarani insurgiram-se durante a guerra guaranítica (1750-1756). A região só foi definitivamente conquistada pelos portugueses após curta guerra com a Espanha em 1801.
Montoneras	-Tropas de gaúchos armados, sob o comando de um caudilho.
Ossitos	-Ossos pequenos.
Pago	-O lugar natal, o rincão, a querência, o município onde alguém nasceu.
Paisano	-Indivíduo não militar, patricio; campesino.
Pala	-Poncho leve, de lã, brim ou até de seda, com as pontas franjadas.
Pampa	-Grande planície coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul (particularmente no território do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina).
Pária	-Homem excluído da sociedade; homem privado de seus direitos.
Patrimônio	-Herança, dote, riqueza material e cultural; lembrança.
Pelear	-Brigar, lutar, batalhar; pelear.
Piazito	-Piá; piazinho, menino; guri; mestiço jovem de branco com índio, caboclinho.
Plancha	-Escorregar e cair com as quatro patas, cair de lado (o cavalo, com

	ou sem cavaleiro) rodar, cair de plancha.
Portenho	-Relativo a Buenos Aires, natural da capital da Argentina.
Posteiro	-Homem que mora no limite ou divisa de uma estância ou fazenda
Potreiro	-Lugar cercado nos arredores de uma estância onde se guarda animais para o trabalho diário, cavalos de montaria e vacas de leite.
Preia	-Prear, tornar prisioneiro, tornar cativos, prender.
Prenda	-Moça gaúcha solteira; mulher que exerce somente a atividade doméstica; senhora.
Prendas	-Duas peças de madeira que, introduzidas nas duas forquetas que formam as cangalhas, as prendem entre si.
Puchero	-Cozido, guisado de macarrões, tripas de capão (carneiro castrado) e verduras, fervidos e servido aos peões de fazenda.
Reduções	-O mesmo que Missões.
Rincão	-Qualquer porção da Campanha gaúcha onde haja regato, capões ou qualquer mata; lugar retirado; terra natal.
Rinconada	-Lugar onde se colocam animais bovinos; rincões.
Saladeira	-Saladeiril; que se destina ao fabrico do charque, referente a saladeiro.
Sesmeiro	-Aquele de dividia e distribuía a sesmaria de terra para quem as quisessem cultivar.
Sogueiro	-Animal manso que fica preso na "soga" (corda) em potreiro para ser usado a qualquer momento.
Taipa	-Parede feita de barro e fasquias de madeira; tabique, rancho pau-a-pique.
Taipeiro	-Aquele que faz taipas.
Tapejara	-Conhecedor de caminhos ou de uma região, vaqueano; valentão
Tapumes	-Ranchos com vedação de madeira, provisórios; tabiques.
Telúrica	-Relativo à terra; telurismo, influência do solo sobre os costumes, caráter dos habitantes.
Terratenente	-Proprietário de terra; pessoa que manda, com prestígio sobre os habitantes de um lugar.
Tirador	-Tira ou avental de couro que os laçadores usam à volta da cintura quando laçam a pé.
Toldo	-Aldeamento de índios já semicivilizados.
Torrãozinho	-Torrão, pedaço de terra; a terra natal.
Toscanejar	-Cochilar; cabecear com sono, abrindo e fechando os olhos repetidamente; pestanejar.
Tropicar	-Tropeçar numerosas vezes; trôpego.
Varando	-Varar, furar de lado a lado, atravessar, traspassar; cruzando.
Xerga	-Tecido grosseiro, espécie de enxerga que se estende por baixo da sela do cavalo; baixeiro.

INTRODUÇÃO

Todo o estudo da realidade supõe um contato com ela, escreve Hilton JAPIASSU, *não podendo permanecer no domínio da pura especulação* (1976: 23). Este trabalho nasceu de um antigo desejo do pesquisador que teve início ainda nos corredores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, durante o curso de Teologia, onde obteve o grau de bacharel em 1985. Motivado por sua descendência indígena paterna que deita origem nos extintos *Charrua** e *Minuano** que habitavam as margens do rio *Cassequey* (SALDANHA, 1787), atual município de Cacequi, já nessa época o pesquisador ensejou as primeiras linhas sobre o assunto elaborando sua monografia de conclusão de curso.

Hoje, passados 15 anos da realização desse trabalho, os mesmos questionamentos ainda preocupam o autor que retorna ao tema a procura de explicações para aspecto dessa figura social. Preocupação que raramente desperta interesse no senso comum, mas que se encontra presente no imaginário coletivo e político da classe dominante: o triunfalismo que é dispensado ao gaúcho em oposição a marginalidade que busca ocultar. Ora descrito como *pária**, ora aclamado como *herói* pela sociedade sul-riograndense.

Deslocando o ponto de vista da história, via de regra escrita na visão dos colonizadores, para uma visão mais periférica da realidade vivida pelos *gauches** do campo, o presente trabalho pretende caminhar em direção *da superação da ótica que vê o gaúcho sempre como um vencedor* (DUTRA, 1996:15.), desvelando a formação e estrutura do *mito* do gaúcho *herói* (MOREIRA, 1979:176). A pesquisa valeu-se da extensa bibliografia regional existente e da historiografia oficial disponível sobre o assunto, procurando *filtrá-la* dos elementos da ideologia e contexto em que foram produzidas.

Discorrer sobre a formação *etno-histórica* do gaúcho, configura algo complexo e impõe *a priori* certas definições metodológicas. Primeiro, definições de ordem geográfica. É necessário localizar nosso objeto de estudo no espaço, delimitando *de*

que gaúcho estamos falando. Isto porque cada região do estado do Rio Grande do Sul é o reflexo com maior ou menor justeza de um *ciclo econômico-social e étnico* particular.

Thales de AZEVEDO divide o Estado em três áreas.

"A área *gaúcha*, pertencente ao ciclo pastoril indo-hispânico das *reduções** e posteriormente das *estâncias** que firmou-se no regime extensivo de criação de gado bovino; a área *colonial*, pertencente ao ciclo agrícola-extrativista nórdico-mediterrâneo da pequena propriedade rural, e a área *riograndense*, pertencente ao ciclo costeiro indo-afro-luso da pesca, e depois da lavoura em larga escala nos banhados e da industrialização da pecuária com as *charqueadas**" (1958: 25-9).

Este trabalho elege como objeto de pesquisa o *gaúcho* oriundo do ciclo pastoril indo-hispânico que geograficamente povoou os campos naturais da *Campanha** e *Fronteira Oeste* da antiga Rio Grande de São Pedro (atual Estado do Rio Grande do Sul). Essa região que garantiu ao gaúcho certo *autonomismo*, dado o isolamento que o colocava *mais próximo à bacia do Prata que do Brasil* (FREITAS, 1985a: 4), se estendia *pampa* afora, varando** campos uruguaios e argentinos.

Uma segunda definição requer que localizemos nosso objeto de pesquisa no *tempo*, delimitando em qual momento da história ele será apreendido e refletido. O gaúcho aqui retratado tem lugar no período compreendido entre os anos 1737 (quando começa a ocupação regular das terras rio-grandenses pelos portugueses) até 1851 (quando o Império português incorpora definitivamente o território rio-grandense ao Brasil, logo após a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835). Época que coincide com o surgimento da literatura rio-grandense: organização de intelectuais, Clube de Letras, o primeiro jornal do estado (1827) e o Partenon Literário (GOLIN, 1983:20-1).

A terceira e última definição que se impõe fazer é de ordem ideológica. Sob que *olhar* pretende-se *apreender* esse objeto de estudo. No decorrer do trabalho procuraremos demonstrar a distância que separa, de um lado, o gaúcho real, descrito pelos primeiros viajantes do período colonial, e de outro lado, o gaúcho que

foi apreendido pelo pensamento dominante e difundido pela literatura rio-grandense emergente do início do século XIX. Como veremos adiante, se a primeira, descreve o gaúcho como um marginal, a segunda, preocupa-se em guardar a memória de um gaúcho *herói* e vencedor.

Falar sobre o gaúcho é como falar da dupla face de *Jano* (CIRLOT, 1984:320) da mitologia romana:

"Conta-se a história que todos vêem e dizem que vêem ou conta-se a infra-história, que é a face obscura, humilde, quase sempre esquecida e que muitos fingem não ver. No decorrer dos séculos, nunca faltaram aqueles que celebraram os sucessos históricos do gaúcho. Somente pouco aceitaram a incumbência de registrar os feitos que não mereceram as honrarias da história" (DUTRA, 1985a: 8.).

Marginalizado na figura do peão, o gaúcho real, histórico, testemunhado pelos viajantes e cientistas que percorreram o Rio Grande do Sul a partir de 1787, já era descrito como *um tipo em extinção, ou extinto* como defende Roque CALLAGE:

"Muito pouco ou coisa nenhuma tem do ancião extinto, do tipo tradicional d'outrora que ficou embrenhado no seio da lenda, nos relevos da legenda, a perder a cada passo as características incisivas com que se elevou na mitologia americana à altura dos Centauros. Foi uma sombra que passou. Ele é apenas um espectro de história morta, soerguido pelo tempo em vagas cambiantes, indecisas. Uma mancha talvez" (1919: 208).

Foi através da influência da literatura e sua narrativa conservadora que a imagem mítica do gaúcho tomou corpo junto à sociedade brasileira distanciando-se do real vivido pelo homem. O presente trabalho se propõe compreender como se deu a construção desse *mito* que elevou a figura do gaúcho à condição superior. O mito aqui deve ser entendido *como representação de fatos, personagens ou interpretações exageradas ou errôneas, e não como aquela forma de as comunidades primitivas (...) explicarem sua realidade* (BORGES, 1984: 72).

Buscando uma explicação para essa *ambivalência* verificada na trajetória do gaúcho, a pesquisa se propõe analisar sob ponto de vista teórico a inter-relação de

valores deste homem socialmente marginalizado elevado pelo poder hegemônico, da condição de bandido à condição de herói. Este mito social que genericamente apresenta o gaúcho como fenômeno nacional, réplica idêntica do *bandeirantismo* de outrora, entretanto, tem sua outra face (CHIAVENATO, 1991:7).

A partir de um quadro teórico de *contextuação* da figura do gaúcho utilizado por *teorias causalísticas*, que a partir de *proposições literárias* (...) *privilegiam aspectos do momento histórico* (ALBECHE, 1996:7), nas palavras de Ernest LABROUSSE, o presente trabalho se propõe a um *estudo das relações entre o econômico, o social e o mental* (1973: 20-1).

A pesquisa faz a seguinte indagação:

Até que ponto os relatos da marginalidade do gaúcho narrados pelos primeiros viajantes que cruzaram as terras rio-grandenses contribuíram para a formação de uma ideologia do gauchismo pregada pela literatura ufanista que projetou o mito do gaúcho herói?

Na busca da *outra face do Rio Grande*, o trabalho tem início, *no primeiro capítulo*, com a busca dos elementos etno-históricos que marcaram o chamado período de formação do gaúcho, desde os cavaleiros errantes egressos da sociedade rio-grandense, passando pelo genocídio indígena e as campanhas militares de perseguição até a marginalização da mulher gaúcha.

No *segundo capítulo*, abordamos a questão da ideologia do gauchismo: o nascimento e a estruturação do mito do gaúcho herói a partir de *uma leitura simbólica da norma coletiva* imposta pelo poder dominante e pela criação literária norteadora de uma *reconstrução da história do gaúcho a partir de idéias e valores correspondente à mentalidade* (ALBECHE, 1996:7) e ao *código moral* dos grupos hegemônicos da época (GOLIN, 1983:20).

Como já foi dito, *a história é sempre filha de seu tempo* (BORGES, 1984: 70). Buscando ser menos *objeto de explicação* e mais de *compreensão* (RODRIGUES, 1986: 50) da realidade do gaúcho, a indagação proposta pela pesquisa tem sua

razão de ser: *procura uma relação desconhecida (...) entre os fatos e sua interpretação* (BORGES, Idem: 62).

No caso particular do gaúcho, auxilia-nos Eric J. HOBBSAWM (1998), a indagação se propõe:

"Descobrir o que até agora era desconhecido, e aproveitar o que descobrimos. E uma vez que tão grande parte das vidas e, ainda mais, dos pensamentos das pessoas comuns esteve totalmente desconhecida, essa tentação é ainda maior (...), tanto mais porque muito de nós nos identificamos com os homens e mulheres desconhecidos do passado" (p. 229-30).

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO ETNOHISTÓRICA DO GAÚCHO

(O Gaúcho na Historiografia)

Al gaúcho lo mataron dos veces: la primera como presencia social; la segunda com objeto de añoranza caducas. Hicieran de él el centro de un culto nativista que participa del carnaval y la burla.

(León Pomer, El Gaúcho).

1- OS CAVALEIROS ERRANTES

O Sul do Brasil foi povoado e colonizado tardiamente. Roger BASTIDE (1978) escreve que os portugueses, em princípio,

"só ocuparam na costa os pontos necessários à defesa do sul da colônia contra possíveis incursões de espanhóis estabelecidos em Buenos Aires, ou pontos de apoio de uma ofensiva em direção ao Rio da Prata" (p. 168).

Foi, sem dúvida, o relato dos primeiros viajantes que *apresentaram* a figura do gaúcho à sociedade restante do país. O homem descrito por José SALDANHA em 1787, por exemplo, é sempre colocado na condição das mais inferiores a que foi jogado. Após a imposição da estrutura latifundiária que começa a emergir no primitivo Rio Grande do Sul, a partir do final do século XVII, o nativo que habitava essa região, passa a ser descrito como um *incorrigível vagabundo* (FREITAS, 1980b: 8), *gente sem ofício e nem benefício* (FONSECA, 1982: 13).

Vargas NETO, em seu poema *Gaúchesco*, diz que:

"Para o gaúcho não havia lugar para aquecer o banco: é o horror ao trabalho que o domina e o Comissário lhe bombeia o tranco. Essas são algumas das imagens que lhe foram inculcadas com o tempo e o fizeram, como em verdade o foi, um desgraçado, um pobre diabo, sem eira nem beira" (FREITAS, 1980b: 8-9).

Um comunicado militar de 1780 recolhido pelo historiador argentino Ricardo Rodrigues MOLAS registra o rigor do tratamento dado aos gaúchos: *el expresado Díaz no consentirá en dicha estancia que se abriguem ninguno contrabandista vagamundo u ociosos que aqui se conocen por gauchos* (1968: 518).

Com igual tonalidade Miguel LASTARRIA reitera a imagem miserável destes nômades do campo, quando evidencia:

"Esses homens não deixam de espantar a quem não esteja habituado a vê-los. Estão sempre sujos; suas barbas sempre por fazer; andam descalços, e mesmo sem calças sob a completa cobertura do poncho. Trabalham apenas para adquirir o tabaco que fumam e a erva-mate paraguaia que tomam em regra sem açúcar e tantas vezes por dia quanto e possível" (NICHOLS: 1946: 32).

A investigadora norte-americana Madaline Wallis NICHOLS, citando Felix de AZARA, narra:

"Sua nudez, suas barbas, seu cabelo sempre despenteado, sua sujeira e a brutalidade de sua aparência os tornam horríveis de ver. Por nenhum motivo ou interesse querem trabalhar para alguém, e além de serem ladrões, também raptam mulheres" (1946: 30).

Diante da flagrante hostilidade contida nos conceitos emitidos acerca do gaúcho, poder-se-ia perguntar pelas razões que determinaram tanto preconceito contra esse tipo social etnicamente diferenciado do restante da comunidade nacional. Entre outros questionamentos, veremos adiante no segundo capítulo dessa pesquisa, por que o tipo consagrado pela literatura e historiografia oficial não foi o estancieiro*, o proprietário da terra, mas sim o *gaúcho* trabalhador da estância*, o peão.

Para o professor Sérgio GONZAGA (1980), o aparecimento da figura do gaúcho tem como característica particular determinado momento histórico:

"Ele surge durante o século XVIII com a chegada do capitalismo ao Brasil meridional quando a Coroa ofereceu incomensuráveis latifúndios distribuídos entre pessoas dignas de crédito, militares

e homens de posse. A grande propriedade era o modo de produção que asseguraria ao Estado português a valiosa courama, o efetivo domínio territorial. Ou os rebanhos seriam resguardados pelas cercas naturais das sesmarias ou estariam condenados ao desaparecimento" (FREITAS, 1980b:114).

A *figura do gaúcho*, escreve o professor GONZAGA no texto *As mentiras sobre o gaúcho* (Ibidem), tem seu aparecimento justamente neste momento:

"São os cavaleiros errantes que vagam pelos campos, solitários ou em bandos, à procura de couro. Realizam suas fainas clandestinas com tal intensidade que num dado momento começam a despertar a atenção e os interesses da Coroa e da nova classe de terratenentes" (1980b: 114).*

Não seria de estranhar que essa classe despertasse interesse dos governantes da época. Segundo Manco le PANTO, a América, nesta época, era para a Espanha *refúgio e amparo dos desesperados* (FONSECA, 1982: 7).

2- EGRESSOS DA SOCIEDADE

As origens étnicas e sociais do gaúcho histórico são complexas e profundas. Deve-se buscar atualizar o passado para assim melhor entender o presente. Quem nos presta auxílio nesta tentativa é Hernando Arias de Saavedra, conhecido como Hernandárias (HUGARTE, 1995: 276). Segundo o explorador espanhol, as origens mais remotas do gaúcho decorrem dos *criollos** nascidos dos primeiros povoadores que migraram de Santa Fé em direção à chamada *terra de ninguém* -imemorial território dos indígenas Charrua, Minuano e Yaro, em franco processo de extinção-, hoje República Oriental do Uruguai (FONSECA, 1982: 7).

Os primeiros habitantes da Província, nas palavras do viajante,

"eram alguns criollos soltos, pobres e folgazões porque seus pais não lhes deixaram o que comer, não os ensinaram a trabalhar, nem a procurar trabalho, e junto com eles muitos mestiços que são da própria qualidade" (Ibidem).

No pensamento de Fernando ASSUNÇÃO:

"Esses criollos eram normalmente amamentados por índias e criavam-se juntamente com seus irmãos de leite adquirindo deles os mesmos hábitos e mesmos costumes, o que os distanciava da sociedade espanhola matriz, e daí, o distanciamento físico ao habitat selvagem e aberto da caça ao touro e a doma do potro xucro, não havia mais que um passo" (Ibidem).

Moysés VELLINHO ao fazer uma oportuna distinção entre o gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino, classifica-os como *elementos de perigosa pugnacidade*. Produtos da *conquista* espanhola, ao atracarem em terras gaúchas desacompanhados de mulher, *serviram-se como podiam das nativas submissas*. *Fiéis ao mandamento bíblico, nos vãos de trégua foram misturando seu sangue com o sangue indígena para dar lugar à vasta população mestiça* (1958: 206).

Roberto Avé-LALLEMANT, valendo-se de descrição realizada por um médico alemão de Lübeck faz o registro de um episódio que denota interesse:

"Apareceram então algumas pessoas. Primeiramente um negro forro com sua mulher preta, ambos a cavalo, como todos os outros que vieram depois. Em seguida um velho brasileiro, de simplicidade e modéstia quase infantis; depois dois mestiços de índios, um par impressionante, ambos altos e vagarosos, de cabelos longos, espessos e negros, barba crespa, perfeitas fisionomias de índios mas atrevidos, com pequenos ponchos e grandes esporas. Comportavam-se com desembaraço. Davam-me a impressão de fantásticos Centauros, que tivessem amarrados seus corpos de cavalo à porta" (CESAR, 1976: 3).

Avé-LALLEMANT, em 1858, percorrendo as áreas de colonização alemã indo até a fronteira do Rio Grande do Sul, descreve a dificuldade de se reconhecer o tipo físico do homem rio-grandense por ser este o resultado de várias origens: negra, índia e européia (ALBECHE, 1996:36).

Aos olhos do visitante, escreve Sebastião Francisco BETTAMIO, o gaúcho é apreendido como *egressos da sociedade, criminosos e facínoras, que a defesa natural e a luta pela sobrevivência congregou-os em certos lugares defesos à incursão de forças espanholas e portuguesas, que lhe dão caça contínua* (MEYER, 1957: 50). A despeito de todo o preconceito dispensado por estrangeiros que

sentiam-se fascinados pelo *contraste entre o seu estilo de vida europeu e a nossa selvageria campeira, refugiada nas brenhas* (CESAR, 1976: 3), o gaúcho continuou por longo período um desconhecido.

A respeito de Guilhermino CÉSAR e sua obra *O conde de Piratini e a estância da Música (Administração de um latifúndio riograndense em 1832)*, publicada em 1978, convém dizer que ele, ao descrever o período inicial da atividade pastoril no Rio Grande do Sul, revela que os gaúchos da fase heróica

"são os grandes estancieiros, eternos inimigos dos castelhanos, que sacrificaram seus bens e sua tranqüilidade para impedir a assimilação estrangeira no território rio-grandense" (ALBECHE, 1996:36).

Por outro lado, Conde D'EU, ao percorrer o Rio Grande do Sul, em 1858, em sua obra *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*, comenta o contrário: que a inimizade aos castelhanos ou hispano-americanos não era tão marcante assim para os gaúchos rio-grandenses (ALBECHE, 1996:39).

Na opinião de Veríssimo da FONSECA, que pesquisou longamente sobre o assunto, o gaúcho teria nascido *de uma sucessão de erros políticos*. A medida que vai evoluindo a presença portuguesa às margens do Prata, a Colônia de Sacramento passa a ser ponto de apoio para todo o comércio lícito e ilícito entre os países americano e entre estes e o europeu. Neste período as cidades do Rio de Janeiro, no Brasil e Lima, no Peru, eram os centros de decisão comerciais que mantinham a hegemonia do comércio impedindo Buenos Aires de comerciar com os portugueses ou com os países europeus. Conforme o supracitado autor:

"Criada a Aduana Seca de Córdoba, destinada a fiscalizar o comércio portenho e Buenos Aires, incompatibilizando-se tanto de exportar como de importar devido ao alto custo dos produtos, só resta um caminho para a sobrevivência: o contrabando com a Colônia de Sacramento"* (FONSECA, 1982: 9).

Rodolfo PUIGGRÓS comenta a conjuntura política da época da seguinte maneira:

"O comércio e a usura, que a filosofia feudal da Espanha condenava e expulsava pela porta, entrava pela janela e se fizeram donos da casa. A produção interna não podia desenvolver-se, nem desaguar no mercado exterior; o monopólio asfixiou e a usura vinha a corroê-la" (1957: 193).

O contrabando, de certa forma, foi uma maneira de *quebrar a pressão imperante à sombra do monopólio estatal* (CESAR, 1978b: 30).

A esse respeito, conclui Pedro Ari Veríssimo da FONSECA:

"Se do outro lado do Prata os gaúchos passavam a viver às custas do contrabando da Colônia, fomentado e estimulado pelos comerciantes do Rio de Janeiro, nos campos neutrais do Rio Grande e Uruguai continuavam vagabundeando os espanhóis vindo de Santa Fé, agora acrescidos de desertores da comandância militar, fugitivos de um e outro lado, desertores dos navios portugueses, holandeses, franceses e ingleses que sustentavam os contrabandistas em troca de sebo e couro" (1982: 9-10).

3- GENOCÍDIO SILENCIOSO

Os Charrua, que na língua *quíchua* quer dizer *ribeirinho* (LOPES NETO, 1955: 47.), Minuano, Yaro e outros grupos indígenas menores, neste período, eram milhares e habitavam a região *pampeana** que compreendia parte do estado do Rio Grande do Sul e parte da Argentina e Uruguai. Após o contato com os exploradores espanhóis e portugueses a partir da descoberta do Rio da Prata, em 1513, e o extermínio que se sucedeu, restaram pouco mais de uma centena de indivíduos nessa região. A descoberta do Rio da Prata pela expedição do português D. Manuel Nuño, cumpre dizer, é contestada pela tradição espanhola que aponta Juan Díaz de Solís como detentor do mérito explorador. (BASILE BECKER, 1982: 9.).

Os sobreviventes indígenas, escreve a autora em sua dissertação de mestrado, apresentavam-se *desorientados, alquebrados e entorpecidos* pela chamada *civilização daqueles que os absorveram* (Ibidem). Suas cobiçadas terras,

tomadas aos golpes durante séculos os levaram a um *genocídio silencioso e persistente, às vezes assistemático, mas sempre eficaz* (LOPEZ, 1983: 20.).

A exemplo do que ocorria na *Ameríndia**, nestes tempos de conquistas, aos extensos campos do Sul, não recairia igualmente outra sorte. O texto Na'Huatl recolhido por Eduardo GALEANO, retrata bem o comportamento dos exploradores desta época: *Com tiros de arcabuz, golpes de espadas e sopros de peste, avançam os implacáveis e escassos conquistadores, como porcos famintos* (1978: 30.).

A pesquisadora Ítala Irene BASILE BECKER, referindo-se ao índios Charrua e Minuano da antiga Banda Oriental do Uruguai, escreve:

"As disponibilidades naturais em decréscimo, os colonizadores tornando-se cada vez mais donos dos animais e das terras, em pouco tempo, deixam os indígenas quase sem nenhum espaço para continuarem sobrevivendo e tendo suas vidas independentes. Essa pressão exercida pelos colonizadores e suas rinconadas chega a tal ponto que obrigó a los próprios pampas, huyendo hacia líneas de menor resistencia, a incursionar a su vez sobre los fortines de los blancos"* (1982: 93-4).

Este tipo de reação, continua a autora, fez com que se realizasse, da parte de um exército formado por espanhóis e índios *missioneiros** Guarani, uma campanha de extermínio contra os chamados *índios do campo*:

*"Dissemina-se neste período contínuas campanhas, especialmente a do *Corpo de Blandengues* (1797), destinada a combater o roubo de gado, o contrabando e os negócios irregulares, provocados pelo avanço português e indígena"* (HUGARTE, 1995: 244).

Embora o roubo fosse feito sempre em aliança índio-changueadores* independentes, índio-portugueses contra espanhóis e vice-versa; às vezes também aliado aos Guarani, indubitavelmente, cederia o lado mais fraco (BASILE BECKER, 1982: 95).

A sorte dos povos indígenas da *pampa* parecia estar selada. Os interesses latifundiários da época, ameaçados em seus bens e vida, exigiram o aniquilamento

sumário dos índios. Indígenas *sem terra* e latifundiário já não podiam conviver no mesmo espaço físico. O que depreende-se é que os primeiros teriam de ser eliminados. O antropólogo Silvio Coelho dos SANTOS assim narra esse episódio:

"O serviço caberia ao exército uruguaio no lado do qual provavelmente a maior parte dos Charrua e Minuano haviam lutado em guerras passadas. D. João VI, em carta de 1808, neste aspecto, é enfático: Devereis organizar em corpos aquellos milicianos (...) e com a menor despesa possível da minha real fazenda, perseguir os mesmos índios infestadores do meu território. Ameaça ainda uma rigorosa devassa contra todo e qualquer indivíduo que contravier e estas minhas reais ordens" (1978, 19-21.).

A mestre BASILE BECKER descreve a existência *de uma população indígena despedaçada e desorganizada, os recursos cada vez mais escassos, os toldos* já sem nenhuma segurança, os movimentos sempre contínuos, os cavalos cada vez mais estropiados* (1982: 95). Não havia melhor momento para surpreendê-los. Contudo, o *serviço* teve de ser feito à traição, porque de outra forma os índios teriam *sacrificado um número excessivamente grande de soldados* (Ibidem), e isto em nada interessava os chamados homens brancos.

A seqüência lógica do extermínio se daria ao melhor estilo europeu. Assim escreveu BASILE BECKER:

"Os homens, capazes de reorganizar a vida indígena, seriam sacrificados, ao passo que as mulheres e crianças, inofensivas, seriam poupadas e fundidas com a população das vilas e incorporadas nelas como mão-de-obra da colonização. Nas traiçoeiras e implacáveis batalhas que se seguiram, os homens, com raras e honrosas exceções, morreram nos combates ou foram passados ao fio da espada; as mulheres e crianças de menos de 12 anos foram distribuídas à população das estâncias e fazendas para prestarem serviço e aprenderem a cultura colonial" (1982: 95-6).

O grande continente indígena *pampeano**, desta forma, é engolido pela chamada *civilização cristã européia* instalada na América do Sul. Finalmente o colonizador inexorável consegue incorporar também essa população, que por tempo resistia às suas investidas. O sangue derramado e o ideal de inúmeros deles,

entretanto, ainda continuaria a circular no eixo anônimo da história, a reclamar pelo reconhecimento.

4- QUALQUER COISA GERADA PELO CHÃO

A historiografia oficial conheceu inicialmente o gaúcho pela denominação de *vagabundos do campo*. No Brasil coube ao português José de SALDANHA, no seu *Diário resumido e histórico*, de 1787, mencionar pela primeira vez a palavra *gaúcho* e a defini-la:

"Gauches, palavra espanhola usada neste país para expressar os vagabundos do campo, quais os vaqueiros, costumados a matar os touros chimarrones, a sacar-lhes os couros e a levá-los ocultamente às povoações para sua venda ou troca por outros gêneros" (FONSECA, 1982: 18.).*

Descritos quase sempre com pormenores aviltantes, o conceito do gaúcho não conseguiu ficar muito distante daquilo que a contingência histórica em verdade lhe impôs: é considerado um marginal. Fernando ASSUNÇÃO refuta essa idéia:

"O conceito de marginal não se aplica ao gaúcho. O gaúcho vivia integrado no seu meio e no seu ambiente e não a margem dele. O gaúcho é um produto da cultura ambiente. É uma conseqüência de um estado econômico e ecológico, provocado pela presença do gado antes do aparecimento do homem. O gaúcho, portanto, não foi um marginal. Pelo contrário (...) ele é um homem integrado no seu meio ambiente". (FONSECA, 1982: 19).

A literatura dominante, em verdade, tomou por base as afirmações contidas em documentos oficiais anteriores ao século XVIII para firmar expressões como a do escritor argentino Emílio Ángel CONI:

"O gaúcho era um haragano, um vagabundo, um bandoleiro, um abigeatário, um dejetto humano, um germe anti-social. E não saem desse trilho aunque vengam degollando" (FONSECA, 1982: 18)*

De *modus vivendi* diverso da cultura que instalara-se na região, o gaúcho recebe inúmeros adjetivos. A acusação maior era que *amancebavam-se* com as

índias e percorriam a pampa inteira churrasqueando* e tomando chimarrão*, costume este último, herdado dos índios Minuano, que, por sua vez, aprenderam com os Guarani. Destes homens, lembra Câmara CASCUDO, nasceriam os *gaudérios, parasitas, vadios, filantes, papa-jantar* (1972, vocábulo *gaudério*).

A propósito da etimologia da palavra *gaudério*, se buscarmos sua origem latina, encontraremos que ela vem de *gaudere*, infinitivo do verbo *gaudeo*, folgar, regozijar-se, alegrar-se. Segundo Câmara CASCUDO, já no século XVII estava bem definido semanticamente este termo: *gaudério -o que queria levar de graça o que dos outros custava dinheiro* (Ibidem). Para Fernando ASSUNÇÃO, entretanto, o termo *gaudério* teria sucedido mais tarde o termo *vagabundos do campo* e precedido o aparecimento do termo *gaúcho* (FONSECA, 1982: 11).

Na sua grande maioria, a palavra *gaúcho* encerra múltiplos significados transparecendo em todos a idéia de explorado, perseguido, pobre e triste. Mariano LEGUIZAMÓN defende que o termo provém da palavra quíchua ou aimara *huajcho* que significa órfão, guacho, pessoa pobre (TINCKER, 1952: 15). Para o português José de SALDANHA *los gauches* eram os vagabundos ou *ladrones* do campo (FONSECA, 1982: 18). A esse respeito Fernando ASSUNÇÃO reúne e analisa em torno de trinta hipóteses apresentadas por diferentes autores sobre os significados desse vocábulo.

"Entre elas destacam-se *gatucho*, primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *gaudere*: ter gosto pela liberdade; *gatchu*, do indígena araucano: companheiro, e ainda *gauhu-che*, que provém de *gauhu* (canto triste) e *che* (gente): nessa conjugação quíchua, o *gaúcho* seria aquela *gente que canta triste*" (CÔRTEZ, 1981:15-16).

Precisas ou não tais definições, o certo é que elas, ao serem divulgadas pela historiografia, contribuíram para o discernimento e acabaram por identificar o tipo social *gaúcho* com cada uma delas um pouco. Ao observarmos sua trajetória podemos verificar isso. Apresentado como *raça*, este homem, *qualquer coisa*, assim como que *gerada pelo chão*, na expressão do sociólogo uruguaio Zun FELDE, na verdade, trouxe consigo um passado turbulento que muito cedo, em ambos lados da

fronteira, *fê-lo decidir-se de optar por uma nacionalidades em choque* (CESAR, 1970: 82.).

Emílio CORBIERE registra que *en la fiesta de los españoles*, não havia lugar para o gaúcho, *o tipo mestiço da região. Se le repudiaba, siendo civil, y se le despreciaba, siendo soldado* (1929: 53-4). A *pampa* neste sentido representava para o gaúcho marginalizado como que um *protesto* eternizado com o passar do tempo pela ideologia tradicionalista:

"O deserto que assombrava a todos aqueles que se sentiam pisados em sua humanidade, pelo orgulho e prepotência espanhola. Degredados à reles categoria de nativos (Idem: 229), os próprios criollos acabariam desdenhando sua filiação para se identificar com os mestiços nos mesmos sentimentos de revolta" (VELLINHO, 1962: 16-7).

Os registros coloniais, escreve Madaline Wallis NICHOLS, referem casos em que as guarnições dos fortes chegavam a deserdar em massa de seus postos, indo buscar no deserto da *pampa*, entre os inimigos, a proteção que não encontravam junto de seus companheiros (Ibidem).

5- LUMPEN DA ESTRUTURA PECUÁRIA

Quando as transformações sociais e econômicas determinadas pelo *capitalismo pecuário* (LOPEZ, 1985, p 5) que se abate sobre o *Rio Grande de São Pedro* e o gaúcho começa a *ter rancho e família*, e o *novo proprietário do campo chega com a força da lei* (FONSECA, 1982: 20), grandes mudanças se verificam na sua trajetória. A exemplo do indígena coagido ao trabalho da pecuária, o gaúcho também é incorporado *naturalmente* ao processo produtivo pastoril. Referindo também à participação do negro neste processo, Décio FREITAS explica:

"Primeiro, porque o gaúcho já possuía técnicas próprias para tratar o gado; segundo, porque não seria negócio usar o negro na estância, exceto nos serviços domésticos, uma vez que seria demorado treinar o africano para aquele tipo de labuta a que ele não estava acostumado" (LOPEZ, 1985: 5).

Neste quadro da história, convém lembrar, que mesmo antes da ocupação oficial do Sul, por volta de 1737 (MAESTRI FILHO, 1984: 27), a figura do negro já aparece como empregado nas estâncias em trabalhos auxiliares do pastoreio. A atividade *saladeira**, que se firma a partir de 1780 (Ibidem: 45) e acaba por absorver a mão de obra escrava nas *charqueadas**, relega ao negro gaúcho que *desempenhava-se como campeiro* (Ibidem: 42) a condição de constante vigilância. Segundo o historiador Décio FREITAS:

"seria necessário colocar um feitor ao lado de cada escravo pastor, já que, sem vigilância e a supervisão, o mesmo, obviamente, trabalharia pouco e mal, usando, com toda a probabilidade, o cavalo para fugir através das dilatadas, indivisas e desocupadas campanhas, cruzando a raia em busca de uma liberdade assegurada em terras platinas" (1980b: 17).

A despeito da propalada inexperiência técnica do negro ao trabalho *campeiro*, há registros de que ele foi largamente utilizado nas *arreadas* e nos *rodeios*. Afora isso, houve o emprego do negro nos serviços domésticos e na produção da subsistência da estância (Ibidem): *beneficiamento dos cereais plantados, a pequena produção de charque para o consumo, abastecimento da estância em água e lenha* (...) e a construção das *tradicionais cercas de pedras* (MAESTRI FILHO, 1984: 42).

Contrastando com a classificação de semibárbaro atribuída ao gaúcho, o professor Sérgio GONZAGA é de entendimento que ele *constituiu uma das mais especializadas mão-de-obra que se tem notícia no ramo da pecuária*.

"Demonstravam extrema fidelidade aos patrões num procedimento característico das sociedades pastoris. Integrados nas estâncias, passaram a preencher o seu vácuo-moral com a moral dos senhores: crêem na honra e no direito da propriedade" (FREITAS, 1980b: 114).

A medida que os campos vão se privatizando e o estancieiro *-grandes proprietários de terra e gado* (FREITAS, 1985a: 4) avançam rumo à região da Campanha e Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, os gaúchos *vagos* tendem a ser absorvidos, convertendo-se em peões ocasionais ou permanentes, de acordo com a necessidade das estâncias e fazendas. A partir de 1870, a paisagem transforma-se visivelmente com a difusão das cercas de arame a dividir os campos. Logo em

seguida, recorre-se ao uso do arame farpado na maioria das sesmarias (GHISOLF, 1979: 51).

Nascido numa faixa territorial ainda *sem dono*, vivendo da caça ao gado alçado ainda sem proprietário, não tendo governo e nem se constituindo em *sociedade organizada*, torna-se o gaúcho *o braço executor de uma política econômica e de ocupação* que duraria mais de um século. Para a literatura dominante, na chamada *idade do ouro*, a colônia de Sacramento e a independência do Uruguai não teriam sido possíveis sem a presença do gaúcho (FONSECA, 1982: 14).

Certezas a parte, ao tipo social em questão, ainda estaria reservado caminhos assaz incertos. Produto social de uma época ideologicamente determinada e que apresentava um padrão de vida, aliás, comum a maioria das colônias sul-americanas, muitíssimo baixo, vivia na extrema pobreza. Faltava-lhe toda sorte de recursos, hoje considerados indispensáveis e que lhe determinava uma vida difícil e rude (CIDADE, 1966: 18).

Suas habitações, escreve Felix de AZARA:

"Se reduziam geralmente a ranchos ou choças cobertas de palhas, com paredes de paus verticais fincados na terra e rejuntados com barro, sem caiação, e na maioria, sem portas nem janelas, se não, quando muito, de couro. Os móveis são pelo comum um barril para a água, uma guampa para bebê-la e um assador de pau. Quando muito acrescentavam uma panela e um banquinho, sem toalha, nem nada mais, parecendo impossível que viva o homem com tão poucos utensílios e confortos, pois não há camas, não obstante a abundância de lã" (FREITAS, 1980b: 56).

Sintomaticamente, quando a transformação social se operou com maior rigor, por ocasião do *domínio despótico dos chefes de tropas e capitães-generais e --na fase de transição-- dos estancieiros charqueadores* e exportadores* (CARDOSO, 1977: 116), o gaúcho seria alijado e despojado de seus mínimos direitos pela nova ordem social que se estabelecia. *Lumpen* da estrutura pecuária, lembra o professor Sérgio GONZAGA, torna-se o gaúcho *um inimigo da ordem* (FREITAS, Idem: 113).

6- VERDADES E FANTASIAS SOBRE O GAÚCHO

Configura grande dificuldade reconstituir a história dos setores excluídos do campo, via de regra, pela ausência de testemunho escrito. Os registros encontrados na sua maioria veiculam as informações sob a ótica determinada pela consciência e *modus vivendi* da classe dominante. Pelos meandros da historiografia oficial, entre *estudos genealógicos, culto às tradições e exaltação aos costumes gauchescos* (PESAVENTO, 1985a, p 5), entretanto, pode-se observar as dificuldades encontradas pelo gaúcho ao defrontar-se com o sistema sócio-econômico de sua época, que entre outras coisas já provocava o êxodo rural. A professora Sandra Jatahy PESAVENTO, observa que *embora muito hábeis nas lides de campo, convertiam-se, nos centros urbanos, em mão-de-obra não especializada, sem habilitação profissional e por isso barata* (1982: 20-1).

Quando o gaúcho se fixava num rancho, juntamente com sua família, para sobreviver do gado por meio de contratos com compradores de couro, sebo e graxa, (a carne comercialmente para ele tinha pouco valor), escreve Pedro Ari Veríssimo FONSECA, o *novo proprietário do campo* (o gaúcho nem sabia que sua morada tinha novo dono) chegava com a *força da lei*, amarrava um laço em cada canto do rancho e o *cinchava** a cavalo. *O rancho vinha abaixo (implosão primitiva) e o gaúcho era tocado sem destino* (FONSECA, 1982: 20).

Na verdade, observa Décio FREITAS:

"Os estancieiros não queriam saber de peões com mulher e filhos, pois estes, no mínimo comiam, o que impunha um melhor salário (1980b: 9). Além do mais, *seus domínios, o campo vazio com boa pastagem, devia ser assegurado para o gado alçado em sem dono* que povoava o território *pampeano*. Resta ao gaúcho engajar-se como peão de serviços subalternos pelas estâncias ricas da região" (RIBEIRO, 1983: 478).

E cá estariam os primeiros *sem-terra* da *pampa** gaúcha. Em 1808 eles já eram motivo de atenção aos olhos de visitantes como Manuel Antônio de

MAGALHÃES que nesta época já observa a existência de *famílias que não possuem um palmo de terra para sobreviver* (FREITAS, 1980a: 84). O próprio Augusto de SAINT-HILAIRE já havia presenciado a expulsão de pequenos agricultores de suas choupanas e suas terras *por homens ricos de Porto Alegre e outros lugares* (FREITAS, 1980a: 15). Apontamentos de José Souza Soares de ANDRÉA, datados de 1849, dão conta que um governador se *confrangia de ver as famílias pobres que andam errantes, a pedir abrigo a um e outro, sem que alguém lhes valha* e que não tinham *onde se conservar em pé* (FREITAS, *Ibidem*).

Apesar dessa *visagem* de pobreza e marginalidade, a literatura sempre reservou muita fantasia e inverdades a respeito do homem gaúcho. Para Salis GOULART, o gaúcho não se une ao estancieiro por um sentimento de temor ou por necessidade de sobrevivência. Para o discutido autor, o gaúcho é mais um amigo do que um subordinado de seu patrão (1978: 29). Paradoxalmente, Sergius GONZAGA acha que o mais comum era

"o *conchavo*, acerto temporário entre patrão e peão, *definindo para o último um subemprego condicionado a momentos específicos da vida pastoril como, por exemplo, o rodeio. Esses vaqueiros de ocasião seriam por assim dizer, os primeiros boias-frias da região sulina*" (FREITAS, 1980b:115).

O próprio Salis GOULART detecta o latifúndio --a estância-- como *a célula social do Rio Grande do Sul, no qual tudo sofre a sua influência, e seu poder absorvente*. Quem não tem estância -o caso do peão que mora no rancho à beira-chão-, quem não possui grandes extensões de terra, vê-se relegado à sorte: é forçado, inclusive, a separar-se dos filhos e buscar ocupação em campos distantes, onde faltam braços para o trabalho, sofrendo, por conseguinte, o influxo da família e costumes do patrão (1978:30).

Neste *estanciável* contexto, identifica o autor acima, a existência de *laços de intimidade democrática e de unidade afetiva unia todos os moradores de um latifúndio* (*Ibidem*: 31). Pacificamente adaptáveis à *estância perfeita*, proposta por Nicolau DREYES, a mesma

"era servida ordinariamente por um capataz, e por peões, debaixo da direção d'aqueles, que às vezes eram negros escravos, outras vezes e mais comumente eram índios ou gaúchos assalariados" (LAYTANO, 1950: 108).

Para Fernando Henrique CARDOSO, entretanto, e ainda que uma voz isolada, é sumária essa caracterização da economia rio-grandense pelos historiadores que persistem na sustentação da idéia da estância e do gado como únicos alicerces desta economia (1977: 47).

A respeito do testemunho de Nicolau DREYS, é necessário que se diga que ele durante vinte e seis anos viveu no Brasil e, por interesses comerciais, percorreu a costa meridional da Laguna ao Rio da Prata. Sua obra atribui grande destaque ao meio geográfico da província e o gaúcho por ele descrito, via de regra é *hospitaleiro, generoso e possuidor de uma vida regada pela bastança* (ALBECHE, 1996:34).

7- O USUFRUTO GERAL DA TERRA

Convertidos em peões, diaristas, *chagueadores, posteiros**, o proletariado rural da pampa gaúcha, aos campesinos pobres não restou outra alternativa senão a de assistirem a diminuição da propriedade comum do gado a medida em que as terras se recortavam face a imposição dos novos donos que dia-a-dia tomavam de assalto o Rio Grande do Sul (DUTRA, 1985: 22). As *encomiendas* ou concessões de sesmarias transformadas em instrumentos da política imperialista da metrópole, escreve Jorge Salis GOULART:

*"são adquiridas ou perdidas pelo livre arbítrio do monarca, fonte de todo o direito e em cujas mãos estava o privilégio de dispor dos homens e das terras. Forçados a trabalhar como peões, nos fogões de senhores europeus, muitas vezes, na própria terra que havia sido deles pelo uso e vida em comum. Face à autoridade que lhe é excêntrica e hostil, resta-lhe trabalhar para padrões ou converter-se em *matreiros**" (1978: 31-2).*

Na definição de Manoelito de ORNELLAS *matreiros*, significava o gaúcho que tinha contas pendentes com a justiça,

"coisa freqüente nos séculos passados, e que fugia às penas do castigo particularmente ao serviço obrigatório das tropas de linha que guarneciam os fortins. Denominação que teve origem no costume imposto pela necessidade que teve o gaúcho de armar a cama, pela noite, com as prendas do apero* ou do "secado", cujas matras, substituem os colchões" (1948: 53)..*

Resgatando um dado histórico dos antigos habitantes da pampa gaúcha, BASILE BECKER observa que, com relação a terra, *entre os Charrua parecia não haver uma delimitação territorial individual para cada indivíduo*. Havia o usufruto das terras dominadas pelo grupo. A tradição nômade dos primitivos habitantes refletia em muito a desnecessidade de se apropriarem da terra (1982: 72). Esta gente, escreve OVIEDO:

"no tiene asiento ni pueblo conocido: van de una parte a outra corriendo la caza y llevan consigo sus mujeres e hijos, las mujeres van cargadas de todo lo que tienen, y los hombres van siguiendo us montaria y matando ciervos y avestruces, arrojandoles unas bolas de piedra com traillas o pendientes de cuerdas" (BASILE BECKER, 1982: 95).

Entre os Minuano também permanece a idéia do usufruto geral da terra: por essa razão talvez a terra não fosse defendida contra o invasor enquanto existia outra disponível com as mesmas qualidades. Uma das razões, observa Manuelito de ORNELLAS, porque ao gaúcho, *o conceito de propriedade lhe era desconhecido*. Conceito inerente à vida social européia, para ele, *a terra era de todos, como o ar e como a luz*. *O gado que pastava sobre os campos indivisos também a todos pertencia* (1948: 50).

Desta forma, continua ORNELLAS,

"adjudicar uma extensão de campo ou considerar-se dono de uma parte do gado xucro, é para o gaúcho, um crime de apropriação indébita, só tolerável sob a força militar. E assim mesmo, contrário às suas prerrogativas naturais. Criado na liberdade absoluta da natureza, não concebe a apropriação senão como um atentado à seus foros e direitos, mesmo porque, *as terras e os gados nunca foram adjudicados aos homens nativos*. *Esse foi um privilégio concedido sempre aos senhores do Reino que vinham tentar a sorte na terra selvagem da pampa* (Ibidem: 51).

Antes da Lei de Terras (1850), a questão da ocupação da terra já se colocava como problema nessa época, configurando as concessões *verdadeiras aberrações*. Alcides LIMA observa que elas *em nada atendiam os interesses públicos*:

"Chegou então ao auge da febre pela posse de estâncias no interior. As sesmarias concedidas, multiplicavam-se assombrosa e desordenadamente. Em breve todos os habitantes quiseram ser estancieiros. A capitania foi retalhada em propriedades extensas. A lei de sesmaria que mandava conceder apenas 3 léguas de campo (15 mil hectares) foi iludida, violada e desprezada pelo sesmeiro e pelos governadores, que faziam concessões largas e arbitrárias" (1935: 99-100).*

Por outro lado, a abundância do gado requeria grandes extensões de campo para criá-los incitando à violação da lei e como que justificando as grandes concessões. No contexto de 1867, informa Manuel Antônio de MAGALHÃES, que:

"os indivíduos não escrupulizavam mais: requeriam sesmarias não só em seus nomes, como ainda no nome das mulheres, dos filhos e filhas, das crianças que ainda estavam no berço e das que ainda estavam por nascer. Por esse meio muitos estancieiros chegaram a concentrar em suas mãos sesmarias que representavam extensões de até 30 léguas de campo" (FREITAS, 1980a: 15).

Uma *sesmaria* representava 3 (três) léguas quadradas: 13.068 hectares (GOMES DE FREITAS, 1954: 41). Carlos SIDLER lembra que *era comum pastarem cem mil cabeças e alguns milhares de cavalos numa mesma propriedade* (LAYTANO: 1950: 101).

8- A SANGUE E A FOGO

A autoridade patriarcal que inexoravelmente o estancieiro exerceu, não raras vezes de forma tirânica junto aqueles que o circunscreviam, não deixou de ser um fato de relevante significado. E isso foi apreendido pela historiografia de maneira singular. Direta ou indiretamente, a figura do estancieiro, é apresentada como *tudo* no lugar: *é o chefe político, chefe militar, legislador, autoridade policial, juiz de primeira e última instância* (CIDADE: 1966:95).

"A estância representou sempre um vigoroso epicentro na formação da história social do Rio Grande do Sul, fabricante de riquezas, lugar de resistência armada, célula de preparação revolucionária, selecionadora da espécie em pecuária, árvore genealógica imensa e frondosa até ser comércio artesanal nas origens da economia" (LAYTANO, 1981: 21-2)

A margem e, ao mesmo tempo, sob a influência direta deste processo centralizador, o gaúcho vive particular situação. Fernando SAMPAIO observa que esta *aproximação* entre o latifúndio e a peonada foi mais que ideológica:

"O enfraquecimento da economia oligárquica se refletia também sobre os empregos e, portanto, isso teria levado o peão a se unir ao patrão por seus próprios motivos na luta contra o Império, acusado de tal crise econômica. Frente a tal conjectura, entretanto, não seria de se perguntar, por exemplo, se o peão estava informado dessa crise econômica?" (LOPEZ, 1985: 5).

Em todo o caso, contrapõe Roberto LOPEZ, *tal ponto de vista tende a minimizar a dominação ideológica do patrão e a dependência material da peonada, sujeita a um regime sazonal de trabalho e compelida a fazer tudo que o patrão quisesse para não ficar sem emprego* (Ibidem). Para Geraldo MULLER, a remuneração do peão, convém lembrar, constituía-se, via de regra, em *teto, comida e alguma prata*. (1972: 23). Jamais pensou-se estipular um salário fixo (regular) ou coisa que o valha para esse proletário rural.

Há registros que denotam certo interesse da sociedade em *promover* o gaúcho. Um texto recolhido por João Pedro GAY, de 1861, relata a mentalidade subjacente que havia em torno desse proscrito do campo:

"Esses peões, esses gaúchos que vivem correndo pelas campanhas sem paradeiro fixo, quase sem família, se tornariam ótimos colonos, excelentes pais de famílias, laboriosos agricultores, se lhes dessem em propriedade um canto destas estâncias, destes campos, onde numerosos existem quase vagabundos" (MEYER, 1957: 66).

Não é de se estranhar que a primeira reforma agrária da América Latina proposta por José Gervasio ARTIGAS, no Uruguai, escreve Enrique Mendes VIVES, tenha sido criminosamente rechaçada pelos interesses da elite latifundiária da época (GOLIN, 1983: 24). Artigas pretendia distribuir as terras de acordo com o princípio de

que *os mais infelizes seriam os mais privilegiados*, assentando sobre ela os pobres do campo, convertendo em cidadão o gaúcho *acostumado à vida errante da guerra, e às tarefas clandestinas e contrabando, em tempo de paz* (GALEANO, 1978: 130-1).

No entanto, tal projeto foi considerado *incompatível* com a escravidão e os interesses dos governos e comerciantes proprietários de terras instalados em Buenos Aires. Em nada interessava ao Sul do Rio Grande, registra León POMER, que houvesse *um país livre, sem escravos, cujos campos estivessem ocupados por humildes lavradores e criadores de gado, e não por grandes latifundiários* (1979: 14).

A economia, em verdade, liquida com o gaúcho *a sangue e a fogo*. Os grandes proprietários, ao contrário, *aplicam seus lucros no exterior*, passam seus verões nas grandes cidades, e seus latifúndios, os visitam, de vez em quando. A produção extensiva de gado, obra da natureza e de peões famintos, não lhes dá maiores dor de cabeça. *Nas aldeias, à margem das estâncias, acumulam-se, miseráveis sempre disponíveis mãos de obra* (Ibidem).

O gaúcho dos postais folclóricos, tema de monumentos, romances e poemas, muito pouco tem a ver com o peão que trabalha, na realidade, terras grandes e estranhas. Nas palavras de Felix de AZARA, as *alpercatas** ocupam o lugar das botas de couro; *um cinturão comum, ou às vezes um simples barbante, substitui os largos cinturões com adornos de couro e prata* (FREITAS, 1980a: 68).

O viajante que notabilizou-se como demarcador das fronteiras entre possessões portuguesas e espanholas estabelecidas pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), chega a propor ao vice-Rei Marquês de AVILÈZ:

"que proíba que usem os campestres (peões) as botas indecentes que hoje fazem do couro das pernas das vacas e éguas, matando isso mais de trinta mil reses anualmente, perdendo-se com isso a procriação e o couro" (Ibidem).

Aqueles que produzem a carne, queixa-se a classe estancieira produtora da época, perderam o direito de comê-la; os *criollos** raras vezes têm acesso ao

churrasco, a carne suculenta e tenra, dourada na brasa. Ao peão resta a *costela magra*, ou o *puchero**, guisado de macarrões e tripas de capão*, dieta básica e pobre dos camponeses *pampeanos* (DUTRA, 1985: 25).

A descrição de Felix de AZARA, que visitou a região de Santa Tecla (município de Bagé) até o Monte Grande, distrito de Batovi (Município de São Gabriel) denuncia a situação de miséria em que vive o gaúcho nesse período:

"Essa gente camponesa, os peões ou jornaleiros e as pessoas pobres não usam sapatos e a maioria não tem colete, chupa, camisa e calções. Paupérrimos, prendem à altura dos rins uma xerga que chamam de chiripá*. Se possuem algo do que foi dito, lembra o autor, não possuem muda, sendo tudo andrajoso e sujo"* (FREITAS, 1980a: 56).

O vocábulo *chiripá* provém da palavra quíchua *chiri* (frio) e *pac* (contra). Larocque TINCKER observa que o estancieiro rico usava um chiripá de pano de lã negra; os vizinhos mais pobres usavam de algodão com cores vivas ou rajado de vermelho, verde, azul e branco.

"Los gauches miseráveis, entretanto, usavam-no de tecido caseiro, geralmente azul escuro com cruces brancas, chamado estilo pampeano. Uma velha canção já dizia: Argentinos no llevan calzones pero llevan su buen chiripá com un letrado que dice: Libertad, libertad, libertad!" (1952: 26, nota 113).

9- CAMPANHAS DE PERSEGUIÇÃO

O conceito *marginal* do gaúcho toma corpo durante a chamada *reação autodefensiva* que este exerce frente ao sistema vigente na época. Reação que os registros mostram ter custado ao gaúcho alto preço. Domingos SARMIENTO em carta ao estadista argentino Batolomé Mitre, nos dá uma idéia da *opressão* conceitual e física exercida contra as camadas sociais mais pobres da época: *Tenho ódio à barbárie popular. A chusma e o povo gaúcho nos é hostil. Enquanto houver um chiripá não haverá cidadãos* (ARREGUI, 1963: 89). Na mesma carta, orientando a repressão aos gaúchos do interior, num registro do psicanalista popular Alfredo

MOFFATT, o político ainda teria dito: *encomendo-lhe que não poupe sangue de gaúchos, que serve apenas para regar a terra* (1986: 100).

Para se ter uma idéia como eram realizadas as campanhas de perseguição aos gaúchos, Graham CUNNINGHAME nos dá uma assustadora descrição de uma matança que vitimou um gaúcho em um rodeio:

"Quando los rojos de Rosas reclutaron a un joven gaucho que quando quiso escaparse un pelotón le persiguió y le boleó el caballo. Cuando le capturaron, el sargento ordenó a sus hombres que se retirassen, --dasta que yo acabado com este perro!--, y llamó a un negro. Avanzó desenvainando su cuchillo. Com un rápido movimiento agarró al prisionero, le echó la cabeça atrás y le hundió en puñal en la garganta. Los ojos de la vitima se enturbiaran lentamente. Unos pocos movimientos convulsivos de las pernas decian que la vida se estaba acabando" (TINCKER, 1952:115).

No plano moral, a descrição de Felix de AZARA revela a existência de uma espécie de *religião* que em relação ao gaúcho *correspondia a seu estado; seus vícios capitais são um inclinação natural a maltratar cavalos, rejeitar toda ocupação que não se faça a cavalos e correndo, jogar naipes, a embriaguês e o roubo* (FREITAS, 1980a: 57). O *modus vivendi* do gaúcho, nestes termos, é apresentado como uma *afronta* aos costumes da sociedade emergente que o envolvia. E isso justificava a orientação dada aos *eclesiásticos* que *deveriam bradar sem cessar contra tão pestíferos vícios, persuadindo os demais de que o trabalho regular é um virtude que torna os homens felizes* (Ibidem.).

Em toda a literatura recolhida para este trabalho podemos observar que neste período, o farto serviço policial montado sobretudo na região da *Campanha*, teve como objetivo tão-somente *caçar os gaúchos-vagabundos*, afim de condená-los ao serviço militar na fronteira, ou colocá-los compulsoriamente a serviço dos estancieiros, e não para garantir a segurança da *propriedade* (RIBEIRO, 1983: 481).

Devido a chamada *lei da ociosidade*, de origem dominante e de pertinência obrigatória ao gaúcho, este é comparado a *uma espécie de escravo* dentro de seu próprio território. Alfredo MOFFATT assim descreve a condição desse *oprimido*:

"Se não *se arrumava* a troco de comida nalguma estância ou fazenda cujo dono lhe desse *certificado* de trabalho, ao ser detido pela polícia, sem esse documento, era enviado às milícias de fronteira pelo delito da vagabundagem. Como lhe era absolutamente negado o acesso a terra para trabalhá-la para si, chegava a constituir uma massa de mão-de-obra quase gratuita, a não ser que optasse por rebelar-se contra a injustiça praticada e aventurar-se como gaúcho rebelde (*matreiro**)" (1986:90).

Uma grande maioria acaba aceitando esta função social, tida por alguns autores, como *digna e aceitável* para as condições da época:

"a de combatente, que continuará exercendo nas últimas montoneras, ou seja, nas tropas de gaúchos em armas a mando de um caudilho* (RIBEIRO, 1983: 481). Estes atos convulsionaram a Campanha por décadas, exprimindo a oposição das populações interioranas à dominação e à exploração portenha e montevideana" (Ibidem.).*

Esta situação de fato, irremediavelmente selada pelos interesses da época, torna o gaúcho um aliado ferrenho do dono da terra. Passa a ser um soldado (*capataz*) de um *caudilho*, cada vez mais seu patrão. Pelos campos, sentenciada está a sorte de um *bando de gente faminta*, a procura de trabalho --que não fosse guerrear--, em troca de uma remuneração que mal dava para o sustento. Como párias vão *sobrando* da sociedade, compelidos ao êxodo rural, presa fácil dos destinos dos centros urbanos. *Nomadismo da miséria, desfibrando-se, diluindo em massas uniformes e flutuantes em passos gigantescos para o fim* (ORNELLA, 1948:103).

10- OS HERÓIS ANÔNIMOS

Apesar do esforço da classe proprietária para manter a aparência de relações sociais sem exploração, a realidade denunciava justamente o contrário. Ainda que tenha se desenvolvido toda uma ideologia que ajudou a predispor o peão *a lutar, de boa vontade, por um patrão que vivia igual a ele* e até achar, quiçá, que estava lutando para si próprio (LOPEZ, 1985:5), uma historiografia mais crítica não pode deixar de reconhecer que o gaúcho foi *produto da manipulação dominante*. A dependência econômica estrita ao estancieiro, face as características estruturais

próprias do sistema pastoril capitalista vigente à época, fizeram, por exemplo, o gaúcho a participar de um levante de interesse estritamente oligárquico chamado Revolução Farroupilha.

Para o historiador Moacyr FLORES, o chamado movimento farroupilha classifica-se como Revolução

"porque, de acordo com o conceito liberal da época, houve uma mudança na forma de governo: pela primeira vez no Brasil institui-se de fato um governo republicano, de 1836 a 1845, abrangendo a província do Rio Grande do Sul, Lages e Laguna, em Santa Catarina" (1984: 23).

Sabidamente, no discurso *saudosista e ufânico* da tradição, a hermenêutica dos acontecimentos jamais reservou espaço para os heróis anônimos que decisivamente *fizeram* esse e outros eventos da história. Na verdade, foi o *caldo* indígena, negro e mestiço, a peonada marginal que tombou no campo de batalha sob a lâmina da espada e o engodo da oligarquia que espetacularmente soube transformar esta revolta em *símbolo de heroísmo e audácia*.

"Na verdade, foram os gaúchos pobres os reais detentores de qualquer mérito que tenha alcançado a elite latifundiária sul-riograndense. Esses feitos, porém, a historiografia destes tempos primeiros é incapaz de registrar: seria reconhecer que as esclarecidas e selecionadas idéias liberais manipularam e usufruíram de uma massa campeira que arrastou-se faminta e esfarrapada por dez anos numa trilha onde a participação popular sonhada não iria além dos interesses proprietários de uma minoria" (DUTRA, 1998: 225).

O perfil social e econômico da região da *Campanha* nesta época revela, num extremo, uma minoria numérica instalada, os patrões. São estancieiros, fazendeiros e uns poucos plantadores, proprietários de grandes extensões de terra e cabeças de gado. No outro extremo, numa profunda relação de dependência, sobrevivem os que mendigam as sobras dos patrões. São peões, *taipeiros**, *alambreadores**, *chagueadores**, agregados, bóia-fria e desempregados que lentamente vão deixando o campo em busca de trabalho nos centros urbanos maiores. Embora muito hábeis nas lides do campo, *convertiam-se nos centros urbanos, em mão-de-obra não especializada, sem habilitação profissional e por isso barata*

(PESAVENTO: 1982: 20-1). Essa classe marginalizada, caracterizada por uma *sensível pauperização* e que se insere no sistema produtivo por necessidade, vê aos poucos suas perspectivas de vida irem se acabando (DUTRA, 1985: 28).

O gaúcho *sem-terra*, que ao longo dos anos conseguiu adquirir *alguma coisa*, acaba sendo forçado a vender a troco de nada seu *torrãozinho**

"para viver de *changa** nos povoados e cidades, ou como bóia-fria, trabalhando de empreitada pelas fazendas, terminando seus dias em situação de total penúria e miséria. Pela paisagem do *velho rio-grande* o que se observa são pequenos *patrimônios** que a história não tomba: *tapumes**, ranchos *taperas** consumidos pelo tempo e a ganância de poucos" (Ibidem.).

A canção de Augusto FERREIRA & FERREIRA fala sobre essa realidade:

"A lanterna da cidade deslumbra os olhos da china, que quando sai do seu pago, pelas luzes se fascina. Nas grosas mãos calejadas de sangue, planta e capina, se acende a luz do desejo de cambiar* de pago* e sina. Vê seu rancho tão pequeno que aos de casa contamina; sonha os filhos empregados, as charlas* pelas vizinhas. Sorte melhor ao campeiro que se consome na lida, seguir o rastro dos outros que ergueram rancho na vila (...). A mesma luz da cidade a mais olhares fascina, lá se vai o plantador vender a terra que tinha. Buscar trabalho no povo, operário de oficina, vender a força e saúde, soltar as filhas na vida. A carreta vai vergada, os ombros vão mais ainda; logo, logo estão changueando* pelo prato de comida. Lavando roupa prá fora, pregando frete e capina, prá encher a boca dos filhos, prá encher a vida vazia"* (s.d: 12).

11- A MULHER AUTÓCTONE GAÚCHA

Não diferente da situação do homem, a mulher gaúcha igualmente sofreu senão duplamente a condição de extrema marginalidade. Os histórico e deploráveis adjetivos que receberam as primitivas mulheres índias gaúchas provam isso. Qualificadas pelos invasores e cronistas de *lascivas* e *despudoradas*, a historiografia não lhes reservou melhores predicados. O professor Hildebrando DACANAL

comenta a esse respeito que *nem Saint-Hilaire escapa!* (FREITAS, 1980b: 29). O texto do naturalista francês de 1820 registra:

"As índias são feias, estúpidas e sem nenhuma graça. Têm riso parvo, sendo infinitamente inferiores às negras. Entretanto, vê-se uma multidão de homens brancos chegar ao ponto de se apaixonarem por elas" (PEREIRA, 1983: 18).

Ao colonizador, escreve José Oscar BEOZZO, *não foi suficiente apossar-se das mulheres autóctones. Era preciso desmoralizá-las.* Os relatos que se tem das mulheres indígenas em contato com o homem branco resumem-se sempre na linha do *acasalamento*, que foi prática comum entre eles, até a chegada dos primeiros lotes de imigrantes (MARCÍLIO, 1984: 70). A clareza meridiana de Augusto Saint-HILAIRE não deixa dúvidas:

"o acasalamento com as mulheres indígenas ocorria fundamentalmente entre grupos mais baixos da escala social, pela ausência de mulheres brancas e pelo famoso despudor daquelas. Sua descrição, confessa-se, muitas vezes ingênua, da situação dos índios e seus descendentes mestiços, tem as mulheres quase sempre como prostitutas" (FREITAS, 1980b: 31).

Registre-se que em seus testemunhos, o naturalista francês Saint-HILAIRE em sua obra *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de 1821, não insere o gaúcho como membro da sociedade e sim, apresenta-o como *bandido e pilhador, vivendo a margem da sociedade.* Para a professora Daysi Lange ALBECHE (1996):

"Saint-Hilaire denuncia a presença de determinados vícios conseqüentes da própria formação histórica da província: a mestiçagem, a falta de escolas e de ensino religioso, a aplicação das leis, do policiamento. e o tipo de recrutamento militar" (p. 36).

Há, contudo, lembra o professor Hilbrando DACANAL, o relato de um único caso em que a indígena chegou a casar-se com um miliciano e a constituir família *legalmente* (FREITAS, *Ibidem*).

A colonização cada vez mais intensiva e as *levas* de imigrantes que aportaram povoando os campos economicamente apetitosos e promissores aos interesses das Coroas espanhola e portuguesa agiu com extremo vigor sobre as

mulheres nativas. Durante os massacres praticados contra *los gauches*, mulheres e crianças de menos de 12 anos que foram poupadas do extermínio Charrua e Minuano, espalharam-se pelas vilas e povoados *brancos*. Nas estâncias e fazendas, escreve José Oscar BEOZZO, prestariam serviços e aprenderiam a cultura colonial:

"Aí a mulher gaúcha ingressa o mais das vezes já sob o signo da escravidão e como reprodutora forçada da ordem colonial, pois não ascende ao estado de esposa, e seus filhos não vão engrossar as fileiras do seu povo e sim o partido do pai" (1984: 85).

Deve ter sido a partir da metade do século XVIII que as *vagas* de colonizadores *brancos* invadiram a fronteira, a Serra, e depois, as Missões rio-grandense, reduzindo e eliminando, aos poucos, o que restava geneticamente da *raça* dominada. O professor Hildebrando DACANAL escreve que:

"É possível que o acasalamento com mulheres indígenas tenha sido bastante considerável, em número, entre os não-proprietários e soldados. Mas, dos mestiços nascido, a fome, a doença e as guerras, provavelmente, encarregaram-se de eliminá-los rapidamente". (FREITAS, 1980b: 32).

Mestiças ou não, em sua grande maioria, as mulheres *gauches* foram *aproveitadas* como *amas de leite* junto às grandes famílias portuguesas e espanholas que dividiam as terras. Para dar uma noção da importância deste *serviço*, Ramiro Frota BARCELO apresenta um *Regulamento do Serviço de Criadagem em Geral*, datado de 28 de junho de 1889, organizado pela Câmara Municipal do município de *São Thiago do Boqueirão*. Neste documento verificamos que:

"os peões, mais as amas de leite devem apresentarem-se na Casa da Câmara a fim de ali serem examinados por um médico e este declarará na Caderneta, o estado dos mesmos. O artigo 13º rezava que as amas de leite não poderiam amamentar senão a criança cuja amamentação for contratada e a seu próprio filho". (BARCELO, 1943: 217).

Essa pretensa *lei de previdência social* das fazendas, registre-se, considerava como *justa causa despedir os criados e peões sem aviso prévio* casos de enfermidades que os privassem de executar os serviços domésticos. As amas de leite incluíam-se entre os criados (Ibidem.).

Quase um século depois, os anais do IV Congresso Rural realizado em Porto Alegre, ainda fazia *ressalvas* ao operariado rural:

"considerava o tipo social *peão* como um caso à parte. Atribuía a desnecessidade do benefício à sua proximidade aos patrões. Argumentava citando a *convivência íntima* das fazendas de criação, a *bondade e veneração* vigente nas relações entre peões e estancieiros" (ANAIS, 1930: 378).

Certa vez, Alfredo EBELOT encontrou numa tropa que marchava em formação, um grupo intermediário de mulheres:

"Eran las mujeres y los niños. Había una centena y todas las edades estaban representadas en ellas; desde los de pecho que mamaban sem desconcertarse al trote duro de los caballos (...). Ellas vienen de los ranchos; son gauchos com falda (gaúchos de saia). Tienen todas las cualidades y todos los defectos de los gauchos" (1943: 217).

Essas mulheres gaúchas, durante as *revoluções eram responsáveis pela roupa lavada dos oficiais, o pastel e as tortas dos soldados*, além da companhia permanente nos combates (Idem: 220). Findada as guerras e perseguições, gerações inteiras encarregaram-se de moldar o caráter de *submissão e silêncio* imposto às mulheres bem ao gosto *colonial*. No entender da literatura dominante preconizada por Pedro Ari Veríssimo da FONSECA, a mulher gaúcha não se deixava enganar por aquilo que seus olhos viam:

"seu filho *brincando* com o filho do patrão. Quer ironia! Como se não soubesse a distâncias que os separava. Mesmo assim, *via-os sentados no chão, ouvindo as mesmas conversas e os mesmos casos e assombração*, com os mesmos medos e as mesmas esperanças. No íntimo, sabia ela, que seu *piazito** sempre seria o preterido. Diferente do filho do patrão *que vivia no povoado, entre mucamas e molecas, não tinha ama de leite, mamava no seio da própria mãe*. Talvez essa fosse a única e derradeira vantagem" (1982: 47-8).

A descrição primitiva da mulher gaúcha é sempre apresentada na linha da *procriação*. Seus filhos, bastardos ou não, criavam-se pelos galpões e *tapumes**, entre a fumaça e a miséria dos fogões. Escutou as façanhas diárias do mundo dos

homens, suas histórias, suas lutas e perseguições de que foram vítima seus antepassados na conturbada fronteira sul-rio-grandense (Ibidem.).

No dia-a-dia da *lide* campeira, o peãozinho em tudo tinha de competir. Desde a faina precoce à construção da mangueira, *invernada** e *potreiro** para o gado de osso (FONSECA, 1982: 48). *Tropa de osso*, nos fala Luiz Carlos BORGES, *quem não teve quando piá; ou não foi piá ou não viveu como nosotros. Como era linda a gurizada* se entretendo com os ossitos* que eram bois, ovelhas e potros* (s.d: 5).

Vivendo este sonho, o *piá* (originário do indígena *che piá* = meu coração), que ao crescer será o *chirú* (*che irú* = meu amigo), irá buscar no mundo adulto que o cerca, respostas para seus desejos e inquietações (LESSA, 1984: 17):

"Das roupas velhas do pai, queria que a mãe fizesse uma mala de garupa, uma bombacha, e me desse. Quero boina, alpargatas e um cachorro companheiro, prá me ajudar botá as vacas no meu petiço sogueiro* (...). Quero gaita de oito baixos prá ver o ronco que sai, botas feitio do Alegrete, esporas do Ibirocai, lenço vermelho e guaiaca* compradas lá no Uruguai, prá que digam quando eu passe: --saiu igualzito* ao pai"* (MACHADO, s.d: 3).

Possuindo um marido *ora guerreiro, ora tropeiro*; ora em busca de emprego pelas estâncias, ora *changueando** pelos povoados e, portanto, sempre distante do lar, em verdade, *coube a mulher gaúcha tomar conta da casa, tratar da provisão, educar os filhos e filhas*. Ficou sob sua competência determinar tudo o que convinha para o provimento de seu modesto ranchinho. Assumiu por necessidade tanto as tarefas da mulher como a dos homens (Idem: 51).

Mário Barbará DORNELLES e Sérgio NAPP, em uma canção *campesina** descrevem a mulher gaúcha, como mulher valente, *buena companheira*:

"Levanta-se a tempo de acordar o sol; preparar a erva para o chimarrão, leite para os guachos, roupa no varal, água na cacimba e varrer o chão. Bate a roupa, torce o corpo, enreda o campo, bebe o sonho, esfrega a vida, enxágua o tempo; foge o riso, enrola o sonho, esfrega os olhos, torce a vida, bate o medo, esfola as mãos, e a comida quente para o seu patrão (...). Atiçar

o fogo para fazer o pão, milho para os pintos, depois semear e mexer o tacho e socar o pilão, e a gurizada para preparar: nada mais cabe em seu pequeno mundo" (1983:11).*

Deste primeiro capítulo podemos concluir que o gaúcho histórico, vivido e testemunhado pelos primeiros viajantes, cientistas e comandos militares que percorreram o Rio Grande do Sul de Espanha e de Portugal no início do século XIX não é o mesmo gaúcho que é retratado pelos valores míticos atribuído pela literatura, como veremos adiante. O retrato marginal e o perfil social do gaúcho descrito pelos diferentes autores e personagens históricos submetem-se, sem dúvida, à *mentalidade* da época em que foram produzidos esses escritos.

A descrição do gaúcho real, portanto, veicula igualmente ingredientes míticos que servem de *sustentação ideológica à classe dominante* que se encontra no poder (MOREIRA, 1979):

"seu conteúdo simbólico reflete a realidade histórica e psicológica dos membros de uma determinada sociedade que reinterpreta o mito com diferentes finalidades. Ou seja, seu sentido e significado varia conforme a situação histórica" (ALBECHE, 1996:45.145).

CAPÍTULO II

A IDEOLOGIA DO GAUCHISMO

(O Mito do Gaúcho Herói)

--Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra? Floriano olha para o estancieiro e diz tranqüilamente: --sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscaras. O Rio Grande sem belas mentiras.

(Érico Veríssimo, O Arquipélago).

1- O NASCIMENTO DO MITO

No primeiro capítulo desse trabalho discorreremos sobre a etnohistória do gaúcho, o chamado processo de formação e a condição de marginalidade descrita pelos primeiros viajantes que foi assumida face a estrutura agropastoril emergente em terras rio-grandenses a partir de 1737. Neste segundo capítulo abordamos a chamada *ideologia do gauchismo* (GOLIN, 1983) e o surgimento do mito do *gaúcho herói*, construção arquetípica da classe dominante, apreendida e divulgada pela literatura para o restante do país (ZIBERMAN, 1980: 11) que projeta para o período republicano, a figura do gaúcho, identificando-o com a imagem de *vencedor* (ALBECHE, 1996).

Nessa perspectiva a professora Regina ZIBERMAN argumenta que:

"o início da literatura rio-grandense se deu em torno da Revolução Farroupilha (1835), quando a temática relacionou-se desde o começo à valorização do mundo gauchesco, aproveitando elementos de procedência popular e da ideologia da classe latifundiária" (Ibidem).

Já o nascimento do mito, defende Tao GOLIN (1983), ele se dá com a *conquistada terra*, quando surge a *necessidade de acomodamento e justificativas de mundo às idéias e às concepções do universo social dos latifundiários* (p. 21).

Durante a ocupação do solo sul-riograndense que teve início com a descoberta do Rio da Prata, em 1513 (ABREU, 2000: 57), o homem gaúcho atravessou guerras e revoluções sempre de *forma obscura e marginal* (BASILE BECKER, 1982: 9).

Para o historiador Riopardense de MACEDO,

"a tradição do gaúcho perpassou a fundação da Colônia de Sacramento (1680), a fundação de Rio Grande (1737), o Tratado de Madrid (1750), o Tratado de Santo Hildelfonso (1777), a conquista militar das Missões (1801) e o Tratado de Incorporação (1821), culminando nesta primeira fase com a Revolução Farroupilha (1835) até a deposição das armas em 1845, no Convênio de Ponche Verde" (1985: 6-7).

Depois de ter sido explorado como mão de obra barata nas mãos dos estancieiros, escreve Alfredo MOFFATT (1986), o primitivo *gaúcho é praticamente eliminado física e culturalmente pela perseguição de que foi objeto* (p. 87). Outrora haviam sido as populações indígenas do campo, uma a uma dizimadas, sem qualquer esforço de pacificação. Agora são os mestiços, *los gauches*, os ladrões do campo que se arrastam em decadência (RIBEIRO, 1983: 479).

A corrente tradicionalista contrária às origens platinas do gaúcho, defendida por Dante de LAYTANO entende que a *herança que persiste no gaúcho é exclusivamente luso-brasileira*. O gaúcho-brasileiro teria uma *formação autônoma* distinta do legado espanhol que atribui à *idéia geográfica e à força da fronteira os veículos transmissores deste contágio*:

"Embora represente *um figurino muito cultivado o da influência espanhola e rio-platense ou castelhana no Rio Grande*, esse estado *filipino ainda pouco existia, e os quatorze anos de ocupação espanhola das forças armadas de Castela no Rio Grande do Sul (1763-1777), foram senão relativos*" (1984: 11-9).

Logo após ao extermínio de uma cultura, entretanto, um fenômeno dominante se verifica. A mesma classe que elimina fisicamente o gaúcho se encarrega de ressuscitá-lo, transformando-o em mito. O gaúcho deixa, então, *o domínio da História para penetrar no domínio do folclore, o domínio da lenda heróica* (BASTIDE, 1978: 183). Para Alfredo MOFFATT, agindo assim, a ideologia dominante apresenta a figura de um gaúcho *idealizado*, sem os aspectos ligados às contradições de

classe: *não ocultando sua rebeldia, mas sim os motivos que tinha para ser rebelde* (1986: 87).

O professor Sérgio GONZAGA partilha do mesmo pensamento quando diz:

"a imagem marginal do gaúcho é extinta oficialmente para poder renascer como instrumento de sustentação e imposição ideológica dos mesmo grupos que a tinham destruído (1980:118). É o princípio do processo de *emburguesamento* da figura do gaúcho" (MOFFATT, *Ibidem*).

Hilton JAPIASSU, falando sobre o *mito da neutralidade científica*, nos informa que *a imagem do mundo (...) ela é sempre uma interpretação* (1976:11). Tanto a *ciência* como a literatura, podemos depreender, são *ao mesmo tempo um poder material e espiritual*:

"A produção científica se faz numa sociedade determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento: é profundamente marcada pela cultura em que se insere. Em outras palavras: é ideológica" (*Ibidem*).

Com o fim do domínio espanhol em 1640, escreve Pedro Ari Veríssimo da FONSECA, *Portugal imediatamente retoma a marcha para o Sul (...) motivando a organização da forças militares no Brasil*. O autor registra que a chegada do general alemão João Henrique Bohn, *contratado por Portugal e enviado ao Brasil (...) foi exatamente para atender a necessidade das lutas contra os castelhanos* no Sul do país* (1982: 24). Foi sob a ação militar, pois, que o *gaúcho riograndense se distanciou cada vez mais do tipo primitivo e do gaúcho platino* (*Ibidem*).

Este processo de *transformação* e, ao mesmo tempo, de *integração do Sul do Brasil ao resto da nação* (BASTIDE, 1978: 181), ocorre mesmo a partir do século XVIII quando, não diferente de outros povos *colonizados*, o *gaúcho pampeano* é submetido a prepotência militarista dos governos da época. Este contexto ideologicamente marcado por lutas da *fase formativa* e pela *militarização do cotidiano*, ao gaúcho, serviu tão-somente de reforço para o *estabelecimento e sustentação do mito para ele idealizado* (LOPEZ, 1985: 5).

Para Guilhermino CESAR,

"o Rio Grande só se torna *realidade* sob a *permanente vigilância das armas* (1970: 275). Desde 1737, ano da fundação do Presídio do Rio Grande, pelo Brigadeiro José da Silva Pais, até a Proclamação da República (1889), em terras gaúchas, todos os governadores foram militares: *neste período o Rio Grande do Sul teve 22 comandâncias militares*" (Ibidem).

Não é de se estranhar, escreve o Professor Luiz Roberto LOPEZ, que as constantes guerras vividas pela *província gaúcha* exigissem um número expressivo de soldados, *suficientemente pobres e corajosos para arriscar a vida pela mística do heroísmo* e pelo saque nem sempre compensatório (1985: 5). Passo seguinte, o gaúcho torna-se *carne-de-canhão confiável* a sentar praça nos destacamentos militares fronteiriços (Ibidem).

O *Romantismo* como criação literária em busca das raízes históricas do gaúcho, nesta época, manifesta-se profundamente *ingênuo* e incapaz de *romper com a estética tradicional* (GOLIN, 1983: 127). O padrão romântico, escreve a professora Daysi Lange ALBECHE (1996),

"ao buscar o tipo característico da origem rio-grandense, homogeneizou a sociedade na idealização de um símbolo –o gaúcho-, de natureza livre, nobreza de sentimentos e exemplo de coragem" (p. 17).

A *soldadesca* da época era basicamente formada por remanescentes indígenas e mestiços. BASILE BECKER registra que aos *Minuano*, os portugueses *conferiam-lhes bastões de mando, conforme o feito aqui e alhures no Brasil das instruções sapientíssimas de Lisboa* (1982: 95).

A exemplo dos *Charrua*, relata a literatura mítica de Jorge Salis GOULART

"estes exímios cavaleiros, estes laçadores, boleadores, magníficos tropeiros e lanceiros invencíveis, no campo de batalha, tinham a impetuosidade de um raio" (1978: 55).

Essa imagem de *índio guerreiro* e *cacique comandante militar* acabou por cristalizar-se no período da militarização do gaúcho, tornando-se ideologicamente de extremo proveito para a sustentação do mito. *Cada cidadão rio-grandense era um*

soldado a defender de lança em riste, colado no fegoso corcel que o arrebatava nas cargas heróicas, o gaúcho era como uma estátua em meio ao campo deserto, escreve o tradicionalista Salis GOULART (1978: 55). Embora o autor esteja se referindo ao tipo social *rio-grandense* de origem açoriana, posterior ao período retratado neste trabalho, a citação remonta à figura histórica do gaúcho primitivo, socialmente marginalizado e elevado a condição de herói.

Na *pampa* argentina, registra o Professor Sérgio GONZAGA, *os gaudérios eram recrutados sistematicamente e sob terrível aparelhagem repressiva*. A descrição das condições de vida nos quartéis da região da *fronteira*, feita por Alfredo MOFFATT relata que *os homens andavam seminus, famintos e sempre ameaçados de castigos corporais, estaqueamento e açoites* (1986: 90).

No lado *brasileiro*, segundo GONZAGA (1980), acontecia o inverso:

"Nossa burguesia, sem descartar o emprego da violência, permitiu-se a formas menos ásperas de recrutamento, dentro de certa astúcia ideológica que consistia em convocar os homens do campo via reprodução de lugares-comuns machistas e ufanistas" (p. 115).

Refere-se aqui o professor não ao *Ufanismo* como movimento filosófico, que surgiria somente no quarto lustro do século XX, mas como expressão enfática para ressaltar o caráter de *ostentação e jactância* que predominava o universo *estancieiro* do latifúndio da época. Contudo, *essa aparelhagem* militar destinava-se via de regra ao fracasso: reflexo de um *status* político condenado –o *Absolutismo* então vigorante na Europa-, em terras gaúchas só conseguiriam gerar opressão e despotismo (CÉSAR, 1970: 277).

2- ENTRE A ESTÂNCIA E O ACAMPAMENTO

Para o ensaísta Carlos Dante MORAIS, uma *pesada armadura legal*, (*atravessada de disposições esdrúxulas e extravagantes*), mantinha-se orientada no sentido de imprimir um clima moral de *docilidade* entre os gaúchos (1959: 116). Tal docilidade, completa Guilhermino CÉSAR, *imposta de cima para baixo*, teria seu

preço e *não deve ter deixado de doer na consciência dos que tributavam aos poderosos* (1970: 277).

Desculpas à parte, pode-se dizer que o gaúcho, com sua *grandeza e miséria*, escreve Décio FREITAS:

"essa massa, iria se acostumar a fazer guerras e rebeliões para proveito dos seus patrões. Pois a elite pastoril do Rio Grande do Sul cultivava na época a arte de fazer essa massa acreditar que era ela que fazia as guerras e rebeliões. E assim, na verdade, a rebeldia dos gaúchos não passava de uma forma de obediência aos seus patrões" (1985: 4).

Sabe-se, por exemplo, que no espaço de 11 anos, durante a chamada Revolução Farroupilha, os *gaúchos do campo* receberam tão-somente dois anos e meio de soldo e um único uniforme. Não obstante, diria Saint-HILAIRE, *nunca deixaram de estar em armas, longe de suas famílias e de suas casas, nem deixaram de fornecer gado e cavalo que não lhes eram pagos* (GOULART, 1978: 55).

Desta forma a vida do gaúcho oscilava entre a estância e o acampamento militar. Participando de todos os exércitos, de todas as expedições militares, *dispondo sempre ao sacrifício da vida*. Como registra Manoelito ORNELLAS: *foi-lhe exigido, antes de lhe dar a plena prerrogativa de cidadão, a condição de soldado* (1948: 54). Dada a situação de *conquista e pilhagem* que deu início a acumulação primitiva rio-grandense (LOPEZ: 1985: 5), os soldados, na sua maioria acabariam marginalizados, real e historicamente, ao passo que os *comandantes* transformavam-se em respeitáveis estacheiros: junto com a terra, ganhariam também o gado que nelas livremente habitava (Ibidem.)

Renato COSTA colhendo algumas *impressões sugeridas pela viagem ao Rio Grande do Sul, de Auguste de Saint-Hilaire*, registra que para o gaúcho,

*"o combate, assim, em plena coxilha, era mais uma parada festiva de energia, do que um sacrifício irremissível da morte. Nunca podia pensar em morrer. A tudo enfrentava, seguro de sua sorte e de sua bravura pessoal, o inimigo, em maior número que fosse, sempre a este vencia. Em toda a história militar do Rio Grande do Sul, em mais de um século de *entreveiro** e de*

combate –conclui o autor-, *não se conta um só recuo dessa gauchada bravia*" (1937: 12).

O Rio Grande do Sul, nos anos que se sucederam a Revolução Farroupilha passa a viver francos movimentos revolucionários que abrangem verdadeiras guerras civis, durante as quais o radicalismo tradicional espalhou violentos extermínios. Segundo Edgar CARONE

"à frente destes exércitos, caminhavam os bandos de degoladores que decapitavam enxoravelmente todos os elementos contrários, o grosso das tropas destinava-se, posteriormente, ao arrazamento final dos bens e vidas dos inimigos e da pilhagem final" (1978: 267).

Citando Fernando Henrique CARDOSO, a professora Sandra Jathay PESAVENTO alude que *o recrutamento constante, generalizou o sentido da hierarquia e disciplina, bem como militarizou os hábitos e fez do autoritarismo uma prática constante* (1985b: 28), o que acabou por deixar marcas indelévels nos traços culturais do gaúcho. Neste *pormenor*, a literatura de Salis GOULART, aliás, é farta em detalhes:

"acostumados aos modos altaneiros e a voz áspera dos militares, os habitantes do campo não admitiam que pudesse ter algum valor alguém que lhes falasse humilde e simplesmente. Era o mito lentamente sendo arranjado" (1978: 55-6).

Referindo-se a Saint-Hilaire e ao mesmo tempo desvelando a discrepância da oligarquia, Salis GOULART conclui:

"O mesmo naturalista, em suas longas excursões através de nossa terra, só conseguirá sair de dificuldade quando invoca o título de coronel com que o governo o havia agraciado" (Ibidem).

E não é para menos, uma vez que o que caracterizava as *forças armadas* nesta época era o desmando. Na opinião de João Batista de MAGALHÃES, nela havia

"ausência de sistemática claramente formada que tivesse em conformidade com o objetivo explicitamente definido. Os abusos, segundo o militar, campeavam, os costumeiros, ainda hoje prevalecente dos individualismos interesseiros. E as

comandâncias, deficientes, sempre a toldarem os esforços dos honestos, conclui o autor" (FONSECA, 1982: 24).

Pedro Veríssimo da FONSECA, menciona que qualquer patente militar *isentava o portador dos impostos e demais encargos*. Quem descobrisse, por exemplo, uma *mina de ouro* ou qualquer outra *fonte de renda*, recebia como prêmio uma patente de oficial. Com esses expedientes, muitos a conseguiram e exerceram a função militar por dois ou três meses. *Mobilizados por eles, posteriormente abandonavam o serviço militar mas permaneciam com as prerrogativas inerentes ao posto até o fim da vida* (Ibidem.)

A canção recente de Francisco ALVES, retrata o *peão-soldado* desta época:

"Sabe moço, que no meio do alvoroço, tive um lenço no pescoço, que foi bandeira prá mim. E andei em mil peleias, em lutas brutas e feias, desde o começo até o fim. Sabe moço, depois das revoluções, vi esbanjarem brasões, prá caudilhos coronéis. Vi cintilarem anéis, assinaturas em papéis, honrarias para heróis. É duro moço, olhar agora prá história, e ver páginas de glória, e retratos imortais. Sabe moço, fui guerreiro como tantos, que andaram nos quatro cantos, sempre seguindo um clarim. E o que restou, assim: no peito em de medalhas, cicatrizes de batalhas, foi o que sobrou prá mim" (ALVES, sd: 15).*

A política da época conduzida com o apoio e mando do Exército, mais do que nunca, facilmente levava a *usurpação militar*. A humanidade construída do gaúcho, por conseguinte, submete-se aos costumes e ideologia reinante. A *verdade* de Lafite, onde *a condição principal da existência da Pátria em plena ordem é a subordinação do poder militar ao poder civil*, nestes tempos primeiros ainda estava longe de ser alcançada (MAGALHÃES, 1982, p 27).

Mas quem se importava *se a monarquia lusitana deslumbrava o mundo?* (FONSECA, 1982: 25). Enquanto que em outros Estados ensaiavam-se as primeiras indústrias, registra Manoelito ORNELLAS, ao gaúcho é exigido a vigilância das armas para a *tranqüilidade* da Nação que desfruta a vida nos *salões murmurosos da corte* (Idem: 55).

3- O MITO DA SUBMISSÃO DA MULHER

A *visão tradicional da historiografia gaúcha*, como vimos na primeira parte desse trabalho, via de regra, *apresentou a sociedade sulina como democrática e igualitária* (PESAVENTO, 1985b: 24). À semelhança do homem, a mulher gaúcha também, lentamente teve seu mito nesse contexto construído. A literatura apresenta-a na época como:

"profundamente caseira e apegada ao seu torrão, o que em verdade a distanciava das senhoras damas dos povoados. Estas, rodeadas de mucamas que lhes faziam cafuné, confessando-se diariamente e passando o resto do tempo a fazer paramentos para a Igreja e doces para o santo vigário, aquela, rezando em campo aberto, sentindo a dureza da vida, pedindo perdão por suas (será que houve?), diretamente a Deus. Até mesmo porque o pároco dos povoados raramente se dignava a percorrer a Campanha" (FONSECA, 1982: 52).

A esse respeito, a visão tradicionalista de Pedro Veríssimo da FONSECA registra que a *salvação* da mulher, nesta época, era *rezar o terço*, olhando distante a *pampa* à sua volta. Para o autor, ninguém melhor do que ela para saber que:

"Deus estava no pago. Não se tratava de crença. Ela conversava com Ele diariamente. Podia rezar de cabeça erguida, na sua lide diária. Baixar a cabeça para o companheiro de todas as horas, dada a intimidade, isso lhe era dispensado!" (Ibidem).

O historiador Severino Sá de FREITAS, retrata a mulher gaúcha como portadora de *expressões de resignação com ânsias de energismo, sendo contudo de natureza simples, bondosa e acolhedora*. A literatura apresenta-a como possuidora de:

"critérios profundos, alta dose de reflexão, ao mesmo tempo de feição sorridente de jovialidade moderada. Não vive preocupada com a impressão que causa nesse meio bastante simples, onde não se vislumbra as necessidades fictícias das indefectíveis representações sociais e forçadas aparências de vida" (1928: 111).

Essa pretensa *pureza* dos lares rio-grandenses, revelada pela maioria dos autores tradicionalistas como Sales Goulart e Sá de Brito, entre outros, merece ser observada com o devido distanciamento. Salis GOULART, por exemplo, entende que somente *os possuidores de estâncias* tinham um lar verdadeiro:

"Os pais, senhores de bens consideráveis, longe de se separarem dos filhos, mantinham estes sob suas vistas. Ao passo que àqueles que não possuíam latifúndio (isto é, o peão gaúcho), era freqüente a separação e a dissolução das famílias" (1978: 31).

Se, por um lado, a constatação é verdadeira, pois normalmente os filhos, quando não toda a família, tinham de sair em busca de trabalho nos centros urbanos, determinando o ciclo do êxodo rural, por outro lado, a observação revela uma tentativa de focar o problema encobrindo-o com a falsa moral dominante, preocupada em preservar um *tipo ideal de família*. Imprime sobre o gaúcho comportamento ideologicamente comprometido e dentro dos padrões dessa classe, sendo por ela aceitável.

É de Saint-HILAIRE este registro sobre uma família gaúcha e *seu modus vivendi*:

*"O viajante francês chega a uma estância e relata que a dona da casa veio recebê-lo, convidou- para entrar e ofereceu-lhe aposentos e mesa farta por ela mesma servida. Anotou o *sábio* que foi a única província onde foi recebido por mulher, que conversou e que ofereceu e tomou mate junto dele. As mulheres gaúchas -no seu entender-, mostravam *mais juízo e bom senso que os maridos*"* (FONSECA, 1982: 50-1).

O peso da submissão imposta desde o berço, sem dúvida, iria marcar indelevelmente a trajetória e os traços da primitiva mulher gaúcha. Os frutos do patriarcalismo ostensivo e permanente no decorrer dos séculos alimentariam ainda mais o *tradicional* machismo ostentado com orgulho pela classe mandatária dessa época.

É necessário dizer que a marginalização da mulher, nutrida pela ideologia do mito do gaúcho herói, impregnou-a de reflexos que extrapolariam em muito o sentido meramente social do problema. Segundo a professora Alda Maria GHISOLFI, a

mulher, neste contexto, *é sempre a que trai e leva o gaúcho a desgraça ou no mínimo é a portadora do mau agouro que termina por concretizar-se no azar que atinge o homem* (1979: 93).

A *submissão consciente* atribuída à condição da mulher neste período, longe de corresponder a intenção da literatura de apresentá-la como *recurso poético*, tão-somente reforça no pensamento emergente da sociedade a face da realidade que procura ocultar.

Dizer que à mulher era comum *acomodar-se às condições do marido, a quem ouve, acata e obedece sem constrangimento, como julga seu dever e opina discretamente com doçura e indulgência*, como registra Severino Sá de BRITO, é denunciar com outras palavras que a mulher gaúcha era dependente da economia masculina, não era sujeito político e que dentro da ideologia burguesa da época era considerada objeto, *a rainha do lar* (CÉSAR, 1970: 111-3).

As palavras da professora Margareth RAGO sobre o *papel da mulher e da família como peça chave na montagem de uma sociedade disciplinar*, em pesquisa realizada com *mulheres da noite* da cidade de São Paulo, entre 1890 e 1930 denunciam o que também pode ser aplicado à mulher gaúcha:

"Constrói-se e impõe-se uma identidade que ela própria interioriza: a representação burguesa de sua figura. Neste sentido forja-se uma representação simbólica de mulher: a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, frágil e soberana, abnegada e vigilante" (1994: 38).

4- A CONSTRUÇÃO DO MITO

Acabando o período de *conquistas*, uma vez que toda a terra propícia ao pastoreio é apossada pelas frações dirigentes, a *soldadesca* torna-se desnecessária, pelo menos no que se refere a expansão. Para a manutenção dos domínios, entretanto, deveriam ainda ser mantidos alguns soldados. O número de *vagos*, também diminuía sensivelmente por causa da colonização tardia da

Província. Mais do que nunca, neste período, o gaúcho é absorvido pela cultura dominante. São indígenas, mestiços, catelhanos vagos, gaúchos andejos*, milicianos de outras capitâneas, aventureiros de várias matrizes que se aproximam dos núcleos urbanos.

A migração açoriana, pelo lado português, nestes moldes, irá reforçar ainda mais o sistema latifundiário emergente. Não só representa *fator de equilíbrio* nesta sociedade de *guerreiros e campeadores* que o século XVIII projetou no extremo Sul (CÉSAR, 1970: 133), como também de maneira decisiva legitima *uma dominação ideológica*. Dominação que, Tarso Fernando GENRO entende ter por base e processo de produção *a riqueza material* (FREITAS, 1980b: 93).

Paradoxalmente, a literatura esforça-se em promover o contrário. Guilhermino CESAR, descreve esta realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia:

"Aclimatando-se rapidamente, muito desses emigrantes trocaram a economia fechada das datas pelo compáscuo no campo indiviso, pela preia* ao gado, pelas tropeadas. Deixaram-se arrastar à fronteira-Oeste, à Campanha, tornaram-se também campeadores*" (Ibidem.).*

É este *pano-de-fundo* que cimenta o mosaico processual do estabelecimento do mito do gaúcho por várias décadas. A transmutação mitológica do *gaúcho-pária* em *gaúcho-aristocrata*, entretanto, só terá o seu verdadeiro *coroamento* a partir do século XIX, momento em que *a oligarquia passa a aglutinar à seu projeto político as novas forças existentes na Província* (FREITAS, 1980b: 118).

O rastreamento das origens dessa imagem *positiva* do gaúcho, contudo, remonta 1835. Embora o termo não apareça em sua feição *encomiástica** (Ibidem.), cogita-se que os mandantes rebeldes ofereciam e seus recrutas algo mais do que soldo e a perspectiva do saque. Para o professor Sérgio GONZAGA,

"no lado sulista, a relação oficial-soldado era respaldada por laços caudilhescos. Subtraía-se o mercenarismo dos exércitos regulares e em troca, oferecia-se vínculos pessoais com liderança carismáticas, somadas a algumas idéias que infundiriam ânimo ao combatente" (Ibidem.).*

A professora Eunice MOREIRA lembra que esta passagem do *gaúcho-pária* ao *gaúcho-herói* se verifica no momento que o estancieiro necessita do homem socialmente inferior para defender sua propriedade e executar o trabalho pastoril mantenedor do regime econômico. Enfatizando, pois, a bravura do soldado, de um lado, e do peão, do outro, consagra o gaúcho em posição superior, colocando à palavra um sentido de heroísmo e cavalheirismo. Assim, quando o marginal se torna útil para a classe dominante, é consagrado como herói (1979: 176).

Alda Maria GHISOLFI em seu estudo sobre a *desmitificação do gaúcho*, lembra que foi o surgimento do regionalismo tradicionalista, mais tarde, que contribuiu para a sustentação desse tipo *heróico* de gaúcho, coincidindo igualmente com sua época de *evidente transitoriedade na vida política do Estado, cuja autonomia se processa e culmina no período inicial da República* (1979: 45).

Como, num primeiro momento, a oligarquia rural necessita só de justificativas no plano de sua convivência com os peões-soldados, imprime virtudes comuns a todos, tornando, por assim dizer, asséptica a exploração latifundiária que se faz sentir. Com o correr do tempo, escreve Sérgio GONZAGA, o gaúcho, isento de conteúdos *desprezíveis*, passa a ser adotado como tipo representativo. Por causa de sua aparente identificação social, não é nem estancieiro, nem trabalhador (FREITAS, 1980b: 119).

Na linha de pensamento da *democracia galponeira*, defendida pela maioria dos autores tradicionalistas, Veríssimo da FONSECA compara o galpão gaúcho com

"o legítimo templo da democracia crioula, onde o patrão tem de descer do pedestal de varão ilustre e trabalhar e a lutar e a conviver e a competir no serviço e na decisão com o seu mais humilde peão" (FONSECA, 1982: 47).

5- A DISCUTÍVEL CORAGEM DO GUASCA

No mundo da estância, registra Guilhermino CESAR, o chefe precisava de algo mais que o direito de posse para ser respeitado.

"Quem não tivesse o posto de mando, a vocação caudilhesca, jamais afeiçoaria aquele feudo rural a seu modo. Os peões em baixo; o capataz no meio; o estancieiro, no vértice da pirâmide. Hierarquia perfeita, voluntariamente consentida pelo grupo. No calor da ação (por exemplo: na tropeada, na marcação, na doma, como um entrevero de arma branca, numa carga de cavalaria), os laços de subordinação importavam menos que a eficiência do grupo como um todo homogêneo" (CÉSAR, 1978a:17).

Valendo-se culturalmente da oligarquia que incorporou a seu favor as noções do *código moral* dos gaúchos: *valentia*, *palavra empenhada*, *camaradagem*, etc, escreve Tau GOLIN,

"instala-se uma forma de dominação ideológica sobre o gaúcho. Ideologia que tem por base o espaço histórico do grupo social gaúcho predador, quando o trabalho de preia e arrebatamento do gado chimarrão* só era possível de ser realizado através da coragem, de valentia e da camaradagem" (1983: 20).*

Fernando Henrique CARDOSO, entretanto, num olhar sociológico sobre essa questão, considera essa *camaradagem contraditória* em relação ao fato de que dificilmente subsistiria qualquer igualdade entre homens que, tendo a mesma origem, se vêem transformados, arbitrariamente, em proprietários e agregados. Esta *camaradagem*, lembra o professor,

"não significa ausência de discriminação social, haja vista a sua proveniência das relações militares entre comandantes e comandados, inegavelmente hierarquizadas. Assim, esta idéia de igualdade não cabe num contexto de evidente autocracia, como a sociedade rural" (CARDOSO, 1977: 49).

Manuelito de ORNELLAS, igualmente já denunciava, em seu estudo sobre a origem étnica e formação social do gaúcho, que a *estância enriqueceu o patrão e depois o colono*:

"mas empobreceu o gaúcho, cujo desprendimento foi explorado sem escrúpulo. Os filhos do pampa tiveram o tremendo destino da bastardia social e política. E aceitaram (não fossem eles altivos) a sua derrota, com o reservado pessimismo dos homens superiores" (1948: 57).

Segundo o professor Sérgio GONZAGA, a realidade de uma *guerra fratricida* e sua dinâmica de terror –*degola**, *profanação*, *castração*, *estupro-*, foi o suficiente para mobilizar o povo humilhado da *Campanha*. Valendo-se das *formas caudilhescas de liderança e por certas idéias-base, repetidas em ambos os lados, sobre a hombridade e a coragem 'guasca' rio-grandense*, ao gaúcho não é mais permitido o anonimato. De agora em diante o *seu nome deverá brilhar* (FREITAS, 1980b:119).

O menosprezo daqueles que não se integram nos moldes e costumes da existência campeira passa ser incentivado, sobretudo em relação aos colonos açorianos e os primeiros imigrantes (GHISOLFI, 1979: 94).

A explicação mítica desenvolvida pela tradição para este menosprezo, segundo a professora Alda Maria do Couto GHISOLFI (Ibidem.), tem sua razão de ser no *desregramento da pecuária* que contrastava com disciplina exigida pela agricultura.

"Enquanto a primeira favorecia o sentido mítico do relacionamento homem-natureza, a segunda delimitava, tanto a atuação do homem quanto o espaço por ele ocupado. Enquanto o gaúcho viva sob o peso atávico das extensões, perseguindo o sonho de integração telúrica através do animal, o agricultor submete-se a terra, que responde-lhe aos estímulos de um interesse econômico" (Ibidem.).*

A tal *coragem do guasca* apontada por Sérgio GONZAGA é perceptível no texto de Manuel ACUAN, *Alma crioula*:

"Levando os obstáculos a grito e a ponta de lança, ia atravessando a vida temido pelo valor e pelo arrojo das arrancadas, também estimado, porque peleava pela justiça direita e alta, acometendo a prepotência e os desmandos de cara descoberta e de consciência limpa, sem toscanejar**" (1931:103).*

Segundo GAMARRA, o gaúcho *montonero** e *tapejara**, é assim e não de outro jeito que se governa a vida, paisano*:

"quem aflóxa o caracú leva logo a carona pelo lombo: Justiça só a unha de cavalo, facão a trabuco, repontando firma o direito de cada qual, senão e entonces a cachorra tropica no caminho liso e ganha o atalho do atolador. É o que les digo, porque home agachado inté os cuscos* le mijam no topete, sem medo e sem respeito. Quem não quêra ser tosado rente no sabugo, que vá tosando no mais, rebatendo os malefícios a rebencaços e os arreganhados a estouros. Se vancês andarem no tranco, mui macios, torta les vas a vida e ródam de plancha* no mundéo"* (Ibidem., grafia original).

Neste sentido, ao *herói*, não podem ser atribuídas *fraquezas ou debilidades*: ele é forte, altivo e orgulha-se de sua constituição física porque representa uma *raça*. A inclusão do *herói* nesta raça forte, escreve a professora Eunice MOREIRA (1979: 63-9), impede que ele seja fraco fisicamente. Eis porque o gaúcho na literatura dominante aparece sempre sadio, possuindo até mesmo uma saúde *férrea* (Ibidem.).

A professora Eunice MOREIRA, em seu trabalho *Regionalismo Gaúcho: um estudo tipológico*, apresenta uma série de atributos que recebe o gaúcho *herói* em oposição ao *anti-herói*. Por exemplo:

"Enquanto o herói é moreno e delgado, o anti-herói é loiro e de pequena estatura; Enquanto o primeiro é sadio e carnívoro, o segundo é fraco e vegetariano; Enquanto o primeiro usa tirador de couro e anda a cavalo, o segundo usa pala* de seda e anda de charrete"* (Ibidem.).

A feição definitiva do mito, entendido como *totalização articulada e coesa, como conjunto de fantasias transformado em estatuto exemplar, mito alicerçado numa série de práticas e introjetado por todas as classes do organismo social*, entretanto, se dá, com a exportação da imagem do gaúcho para os grupos dominantes do centro do país (GHISOLFI, 1979: 73).

A referida professora, fundamentada em Alencar e Apolinário PORTO ALEGRE, considera 1870 como o ano da instituição das qualificações literárias do gaúcho mítico, atribuindo também sua dissolução aos primeiros sinais de mudança da visualização mitificadora detectáveis nos textos (Ibidem.).

É nessa época que passam a vigorar, via literatura, os conceitos mais *edificantes* possíveis em torno da figura social do gaúcho. Conceitos que realizam verdadeira *reconstrução idílica do passado* (PESAVENTO, 1985b: 24): os *românticos*, com o *sentimentalismo de idealização, de caráter otimista, de exotismo*; os *realistas*, com a exaltação do humano nas relações com o meio, com a linguagem, com a paisagem e a cultura, assim por diante (MOREIRA, 1979:37).

6- O DISSIMULADO ARQUÉTIPO DO REBELDE

Transforma-se, assim, a história e a sabedoria do *pária dos pampas* em *estilo gauchesco*. Com alguns *arreios* semi-falsificados se apoderam do mito e se pretendem, em especial, aparecer como seus continuadores. Todos tomam o gaúcho como arquétipo, falseando-o e ocultando sua rebeldia interior contra o sistema de poder (ZILBERMAN, 1977: 155).

Na verdade, este arquético tem origem desde o momento que a história consagrou o peão de estância como gaúcho e não o estancieiro. A explicação é da Professora Regina ZILBERMAN. Para a autora

"a ocupação geográfica na época de paz cindiu o grupo entre proprietários e empregados e, para assegurar a unidade original, nasceu a compensação ideológica. Assim, o herói, isto é, o gaúcho pampeano, passa a ser o campeão, aquele que é o senhor dos campos, mas não o seu dono, e ponto de partida único de duas classes distintas e opostas" (Ibidem.).

Eunice MOREIRA acha compreensível esta conciliação, uma vez que o gaúcho-peão é o responsável não só pela atividade que garante a posse do território (a guerra), como também pela atividade que sustenta a economia (a pecuária). Enfatizando-se pois sua bravura de peão-soldado, *sublima-se a sua condição defensor dos interesses dos estancieiros* (1979: 105). Assim está realizada a conciliação e eleito o tipo responsável que a ficção literária se encarregaria de divulgar

Monopoliza-se, assim, o *saber* que legitima o mito. Salis GOULART chega a ponto de dizer que não é para provar a subsistência que o peão se assalaria, ao contrário,

"serve o patrão espontaneamente, quase sempre por amizade e gozando de uma independência inigualável. Nesta relação social, o autor não percebe a servidão econômica em que vive o gaúcho. Para ele, patrões e empregados (...) viviam em comum, com os mesmos hábitos e necessidades" (1978: 30-5).

Outro que partilha dessa mesma idéia, é Frota BARCELOS: *latifundiários e trabalhadores, peões e patrões sofriam as canseiras do mesmo trabalho e os rigores do mesmo desconforto* (FLORES, 1981: 56). Formas mais elaboradas desta tendência, escreve Sandra Jathay PESAVENTO (1985b: 25), chegaram a dizer que o Rio Grande *ignorou as oligarquias civis e militares* (caso de Moysés Velhinho).

Euclides da CUNHA, por sua vez, escreve que o gaúcho

"tinha o trabalho como diversão. Vê o peão passar pela vida aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado. Suas vestes são um traje de festa"* (FREITAS, 1980b: 8).

Nesta *esteira pitoresca*, a literatura e o folclore poetizaram tudo o que estava ao alcance, inclusive, e em menor tom, a situação de extrema pobreza e miséria vivida pelos gaúchos do campo. Mitos, como o lembrado por Paula CIDADE criados em torno de figuras *ideologicamente contrárias* à hegemonia capitalista vigente. Mitos acerca de *salteadores*, que na imaginação popular assumia a feição de benfeitores dos pobres: assaltavam os ricos, para distribuírem com os mais necessitados (1966: 95).

Um filho dessa imaginação popular, é o caso do espanhol Diego CORRIENTES, celebrizado em *coplas*, *el bravo de Andalucia, que a los ricos robava y a los pobres socorria* (Ibidem). O *ponto básico* a respeito dos bandidos sociais, escreve Eric HOBBSAWM,

"é que são proscritos rurais; encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da justiça, talvez

até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados" (1969:11).

Ademais, o que resta originariamente do gaúcho é *uma falsa e embelezada cultura crioula* –assumida pelos tradicionalistas–, baseada em *arreios prateados*, cinchas lavradas e chiripás* bordados, que aquele gaúcho histórico e pobre, obrigado a viver miseravelmente, nunca teve. Nas palavras de Alfredo MOFFATT:

"Certa gauchice de bobagem é inventada e utilizada como fórmula, na maioria das vezes, de desprezo e discriminação com relação as grandes ondas imigratórias estrangeiras de princípio do século. Na atualidade, ridícula e tristemente, o único indício na cidade, deste fundamental arquétipo crioulo, são os fantasiados de gaúcho que servem assados ou divertem os turistas nos restaurantes e CTGs de luxo" (1983: 99-100).

Sérgius GONZAGA falando sobre as *mentiras sobre o gaúcho* compara o mito do gaúcho com o do bandeirantismo desenvolvido pelos cafeicultores de São Paulo:

"veremos diante de nós, a força espetacular das mentiras organizadas pelos estancieiros rio-grandenses, cujas ressonâncias até hoje se propagam na vida pública e cultural" (FREITAS, 1980b: 122).

A professora Céli Regina Jardim PINTO escrevendo sobre o *republicanismo* vivido já no final do período abordado pelo presente trabalho (1985: 12-3), observa a criação, por parte da literatura tradicionalista, de *uma espécie de saudosismo benigno*, não-virulento que no fundo esconde uma tática de dominação. Sua adoção pelos dominados pressupõe o expurgo de toda e qualquer violência. Para o professor Sérgio GONZAGA, a restauração desse hipotético *paraíso perdido* se daria exclusivamente na esfera da linguagem, inicialmente oral, depois, escrita (FREITAS, 1980b: 120).

Nestes moldes o passado é encarado como *tempo ideal*, uma vez que é no passado que se encontra a *conciliação* entre as classes do proprietário e do peão: a chamada *democracia galponeira* defendida por Salis GOULART. O passado passa a ser o ponto de união. *Na concepção mítica do gaúcho*, esse tempo *pode se*

configurar como o tempo bom, primordial, o tempo da fundação (CALLAGE, 1924: 20).

O citado autor, em sua obra *Rincão*, no conjunto das *Cenas da vida gaúcha*, já expressa essa idéia: *Isto foi, patrícios, no tempo em que o pago, tão cheio da promessa de bravuras, estava ainda no nascedouro* (Ibidem.).

Ora, se o passado representava o tempo bom e primeiro, é natural que o gaúcho expressasse o seu desejo de reencontra-lo, *pensou* a classe dominante. Justificava-se, assim, a constante invocação de luta. *A recriação deste tempo sagrado*, lembra a professora Regina ZILBERMAN, possibilita *não só a contemporaneidade com o 'illud tempus', como também a restituição ao gaúcho das forças vitais do momento primeiro* (1977: 110).

Enquanto, por um lado, *idealiza-se* um tempo onde a história encarregou-se de ocultar o lado marginal e submisso do gaúcho, por outro, atribuem ao estanciero e à classe dominante, o mérito da instituição de uma sociedade igualitária de modo geral. Partilhando dessa mesma crítica, a professora Eunice MOREIRA (1979: 117), registra que esse fato não deixa de ser compreensível, *uma vez que o Rio Grande do Sul crescia politicamente e decaía economicamente*. Manter a figura do gaúcho como *herói*, retomando fatores que contribuíram para sua idealização, era chamar a atenção para o homem e apostar para a fortaleza de um Estado que queria competir na política nacional.

Para *agitar* a imagem do gaúcho para os grupos dominantes do centro do país, alerta-se para a presença de um tipo de *homem coletivo*, digno e generoso, mas irremovível na defesa de sua *honra* e de *seus direitos*. Para o professor Sérgio GONZAGA, *antes dos fuzis e das lanças*, elabora-se uma retórica de cunho agressivo: aviso, ameaça, reivindicação. Insiste-se na força guerreira e na expressividade popular do tipo sulino. Paralelamente, a repetição desses *clichês*, confirma-se no plano interno a hegemonia dos *terratenedores*. Politicamente, *a ideologia do gaúcho legitimava os interesses dos pecuaristas no contexto geral da República velha e reafirmava o seu poder dentro da Província* (FREITAS, 1980b: 121-2).

De ato contínuo, passa-se a *louvar* os tipos representativos mais caros à classe dirigente. Sedimenta-se aí, continua o professor Sérgio GONZAGA,

"o início da apologia de figuras históricas, alcançadas à condição de símbolos de grandeza do povo rio-grandense. No exemplo da sedição Farroupilha, encontramos os paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornaram inerentes ao futuro do gaúcho, que acabaram por substituir os motivos econômicos e as diferenças entre as classes existentes no conflito" (Idem: 125).

No fundo, toda essa exaltação em torno da figura histórica do gaúcho, busca esconder as condições reais das terras sul-riograndenses que deixavam de ter sua pecuária, a base de sua economia e começava a se deslocar da Campanha para a Serra, e do campo para a cidade. Logo, exaltando-se o gaúcho, desviava-se a atenção para as reais deficiências do Estado, ao mesmo tempo em que se realçava uma série de características necessárias à ascensão da classe mandatária. O gaúcho *herói*, exacerbando as qualidades do homem simples e divulgando a *democracia galponeira*, realizava a propaganda adequada ao estancieiro (MOREIRA, 1979: 178).

Fazendo uma análise da região da *Campanha rio-grandense*, Sérgio da Costa FRANCO lembra que anos mais tarde caberia a migração italiana e alemã marcar profundamente a vida e a cultura do gaúcho, sobretudo o grupo econômico-social e étnico do ciclo agrícola extrativo caracterizado pelos chamados *colonos* que introduziriam formas européias de plantio, propiciando o aparecimento de novos núcleos populacionais na região *serrana* do estado. A *Campanha* entra em choque perdendo o seu antigo e glorioso primado econômico e político (...) em favor da zona agrícola e dos centros urbanos, cuja população crescia mais do que nos municípios *pastoris* (PRADO, 1960: 29).

Hélio Moro MARIANTE nos informa que nem a região imigrante fugiria dos laços da ideologia tradicionalista:

"A criação desta entidade já revela a profunda aculturação entre povos de origens étnicas diversas e, o que é mais importante, a

poderosa influência da tradição gaúcha, capaz de entusiasmar homens de outras etnias e sobrepujar, mesmo, como de fato aconteceu, no que diz respeito a usos e costumes, os já seculares dessas correntes imigratórias" (1976: 9).

Foi no campo da ideologia, portanto, principalmente a partir do *Partenon Literário* (GOLIN, 1983: 11) e suas *idéias e expressões culturais que compõem o universo tradicionalista*, que fortalece-se uma cultura *popular* produzida hegemonicamente pela elite voltada para o seu espaço geográfico e social. Nas palavras de Tau GOLIN: *espaço fundamentalmente latifundiário* (Ibidem.).

Consequentemente, em nível de sociedade vai acontecer que tanto a arte como a história passarão seus conteúdos por esta ótica dominante. Historiadores, *intelectuais e artistas* passam a criar *suas visões sociais, sempre levando em conta o palco rural, ou seja, o universo latifundiário* (Ibidem.).

Os longos anos acumulados pelo jugo dos estancieiros e o peso oligárquico do *capitalismo urbano*, entretanto, não permitiu ao gaúcho a formação de *uma consciência* que os levasse *a lutar pela transformação da sociedade (...)*. *Ao invés de se empenharem na conquista do futuro, refugiaram-se no passado* (FREITAS, 1980b: 24).

O mito do gaúcho *herói*, entretanto, encontraria fundamento definitivo somente a partir do surgimento do chamado Movimento Tradicionalista Gaúcho. Este *movimento* que deita raízes no ano de 1898 com a criação do *Grêmio Gaúcho* (DUARTE, 1976: 6) foi idealizado pelo major João Cezimbra JACQUES, *republicano histórico e positivista declarado* (GOLIN, 1983: 30) e espalhou-se Rio Grande afora. É ele quem irá imprimir ao gaúcho ritmo e sustentação:

"O fato inegável é que o mito do gaúcho, adentrando-se na imaginação da gente, supera hoje em força de convicção, a criatura de carne e osso que lhe serviu inicialmente de modelo" (CESAR, 1980:21).

Ao concluir esse capítulo, podemos observar que o gaúcho nutrido e alimentado pelo mito do padrão romântico é muitas vezes generalizado dando a entender como sendo a imagem de toda a sociedade rio-grandense. Como já

dissemos ao concluir o primeiro capítulo, a literatura buscou homogeneizar a sociedade a partir de um mito vivido em um tempo pretérito e ideal.

Ainda que se leve em consideração o contexto histórico onde os diversos testemunhos e obras literárias foram produzidas, fato que os diferencia em seus propósitos, a explicação do mito como elemento de sustentação ideológica não pode ser descartado. Ainda que o mito possa ser entendido tão-somente como elemento camuflador da realidade (LARA, 1979) ou meio de disfarce das dificuldades econômicas que o Rio Grande enfrentou num determinado momento (MOREIRA, 1979), essas interpretações não se distanciam muito da justificativa ideológica da dissimulação da realidade (GHISOLFI, 1979).

Para ALBECHE (1996): *o núcleo mítico do gaúcho, quando inserido no contexto histórico em que a obra foi elaborada, possibilita determinar outros significados à imagem do gaúcho* (p. 32). A figura do gaúcho real, histórico, portanto, teve diferentes significados e variaram conforme o contexto histórico que viveu e essa vivência foi apreendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornar ao passado, podemos fazê-lo de duas forma, escreve a professora Sandra Jathay PESAVENTO:

"uma, enquanto objeto de estudo, com olhos no presente, ou seja, acompanhado de uma visão crítica possibilitadora de melhor entendimento da realidade hoje; outra, retomando ao passado por si mesmo, numa visão saudosista de tempos heróicos, que se encerram em uma época que passou, uma vez que a história não se repete" (1985: 5).

Sem dúvida, configura dificuldade reconstituir a história dos setores marginalizados do campo no período proposto por esta monografia, de modo especial da figura do gaúcho, mesmo diante de tanto testemunho escrito à disposição da pesquisa. Isso porque as provas referenciais da historiografia, via de regra, situam-se todas num nível de consciência sempre determinado pela classe dominante.

Razão pela qual uma leitura *vista de baixo* dessa realidade exige reflexão e análise da estrutura do imaginário que a construiu. É Jean LÉNISSON quem nos alerta:

"Quanto mais longe estamos dos documentos, não só no tempo, mas também pela diferença de mentalidade que nos separa de seus autores, tanto mais é necessário entregarmo-nos a um trabalho crítico aprofundado, par avaliarmos do valor histórico ou, mais simplesmente ainda, da sua autenticidade" (1983: 148).

A indagação apresentada no início deste trabalho propunha questionar os relatos da marginalidade do gaúcho narrados pelos viajantes e instâncias de poder durante o período compreendido entre 1737 e 1851. Perguntava-mos *até que ponto os relatos da marginalidade do gaúcho narrados pelos primeiros viajantes que cruzaram as terras rio-grandenses contribuíram para a formação de uma ideologia*

do gauchismo apregoada pela literatura ufanista que projetou o mito do gaúcho herói?

Como resposta, podemos dizer, num primeiro momento, que esses historiadores conseguiram descrever, ao lado da terra e do homem, um quadro muito aproximado do real vivido na época. Ainda que em suas preocupações, esses viajantes, naturalistas e pesquisadores procurassem obter tão-somente o lucro e vantagens para os domínios de seus reinos, seus relatos foram fiéis à realidade e ao imaginário coletivo daqueles tempos. Ou seja, limitaram-se a descrever a aparência dos fenômenos ou aquilo que neles era mais evidente.

Foi, portanto, graças a essa fidelidade aos fatos narrados e a apreensão acurada dessa realidade -étnica, social e econômica-, vivida pelo gaúcho primitivo, que a temática foi aproveitada e instrumentalizada pela ideologia intelectual dominante, que via literatura soube materializá-la e incorporá-la como elemento de valorização do mundo gauchesco, projetado na figura do mito do gaúcho herói.

Na abordagem que se pretendeu imprimir sobre a infra-história do gaúcho, buscamos preencher as *duas funções importantes*, apresentadas pelo historiador Jim SHARPE:

"A primeira é de servir como um corretivo à história da elite. A segunda é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica" (1992: 53-4).

O imaginário, todos sabemos, é uma parte constituinte do fenômeno social e político de um povo e a produção de suas imagens contribui para a conquista e a conservação de seus mitos. Com o gaúcho não seria diferente. Em *Mitos e Mitologias Políticas*, Raul GIRARDET identifica: *é no mundo imaginário que as sociedades projetam suas realidade e suas insatisfações* (JORGE, 1993: 4).

É, portanto, sob a análise do processo histórico e reflexo *de um discurso cuja função orgânica foi a de justificar o predomínio e a hegemonia de uma classe sobre*

a sociedade num dado momento (PESAVENTO, 1985b: 26) que o mito do gaúcho pode ser entendido.

A historiografia oficial, *pela sua superficialidade e parcialidade, não possibilita uma posição crítica diante da realidade* (PESAVENTO, 1985: 5). Para *compreender o nascimento, formação e desenvolvimento do monarca*, completa José Honório RODRIGUES, *é necessário estudá-lo como um tipo social historicamente condicionado* (1986: 50). A imagem mítica do gaúcho teve, portanto, significados diferentes que variaram conforme o contexto histórico em que foi produzida (ALBECHE, 1996: 141).

A descrição dos acontecimentos que envolveram a realidade do gaúcho no período abordado por essa pesquisa, bem como o seu *modus vivendi* retratado pela historiografia oficial, revelam diferenças significativas; tanto os relatos sobre sua marginalidade narrada pelos primeiros viajantes, como a descrição ufanista apresentada pela literatura dominante do período.

Um ponto, entretanto, os une: ambas cumprem papel ideológico determinados. Os primeiros, retratando o gaúcho no contexto de humilhação e marginalidade, os segundos, interpretando e elevando a figura deste homem a uma categoria idealizada, imaginária, *natural e visceralmente superior* (PESAVENTO: Idem).

Se, por um lado o viajante, com seu relato minucioso denuncia:

"Primeiro de janeiro, 1787 (...). Encontramos destroçados ranchinhos e vestígios de coureadores e gauches do campo (...), ladrões do (...) acostumados a matar touros chimarrões, a sacarlhes os couros, e a levá-los ocultamente às povoações, para a sua venda ou troca por outros gêneros" (SALDANHA, 1983: 67);

Por outro lado, a literatura dominante *eufemisticamente* transforma esses mesmos fatos históricos em coisas virtuosas ocultando a miserabilidade do pária social do Estado:

"O gaúcho foi simplesmente um povo livre, vivendo numa faixa territorial ainda sem dono, vivendo da caça ao gado alçado ainda sem proprietário, não tinha governo e nem se constituiu em sociedade organizada" (FONSECA, 1982: 13-4).

A melhor explicação para esse fato, encontramos-a igualmente sobre duas óticas: a primeira, sob o olhar dominante de Madaline Wallis NICHOLS: *O gaúcho foi morto e enterrado várias vezes, mas continua vivo e se recusa a morrer* (CESAR, 1980: 21); e a segunda, sob o olhar crítico do poeta León POMER:

"Al gauche, lo mataron dos veces: la primera, como presencia social, la segunda, como objeto de añoranza caducas. Hicieran de él el centro de un culto nativista que participa del carnaval y la burla" (1971: 144).

Peter GAY falando sobre a *literatura dominante e os arquétipos delas oriundos transmitidos através das gerações*, escreve que eles *plasmam o inconsciente coletivo*. O mesmo podemos dizer em relação ao modelo mítico do gaúcho herói. Este *saber* ao ser assumido pela historiografia oficial que o transmite com fidelidade acaba por ser incorporado ao cotidiano dos indivíduos: *passa a ser patrimônio comum* (1983: 4).

A historiografia tradicionalista, um dos responsáveis pela sobrevivência do mito do gaúcho herói, envolveu-o de tal forma numa *aura sagrada*, que colaborou de maneira definitiva para a sua legitimidade e perpetuação além-fronteiras. Seja encobrendo os aspectos negativos do gaúcho, seja exaltando e superestimando suas virtudes. Os mitos dominantes de uma sociedade, escreve Otavio IANNI, são sempre os mitos convenientes à preservação da estrutura, dos interesses materiais e conveniências sociais (1993: 4).

"Escrever, dizer e ensinar que o gaúcho pegou em armas 'heróicamente' em 1835 tem muita importância, porque isto que é escrito, dito e ensinado ajuda a que aquilo que está por trás não venha à luz, de modo que a exaltação seja substituída pela reflexão" (LOPEZ, 1985: 5).

No decorrer dessa pesquisa ficou evidente que os qualificativos da indagação literária contradizem a figura do gaúcho real, histórico e concreto. Razão pela qual ele *não foi aceito pelo discurso republicano, porque pertencia a desordem social* (o

gaúcho bandido, marginal, sem ordem e sem lei) ou a um passado morto (ALBECHE, 1996:144).

Se, para o cientista de 1787, José SALDANHA, os *gauches do campo* eram *como se fossem bichos pré-históricos* (CESAR, 1976: 3), para o naturalista Saint-HILAIRE, de 1816, os gaúchos já *são esbeltos e vigorosos*. Se o precursor do romance rio-grandense José Antonio do Vale Caldre e Fião, de 1847 (LAYTANO, 1981:22) preferiu retratar o gaúcho *em plena força que se via no campo*, pelo lado contrário, os ficcionistas e românticos, a exemplo de Alcides Maya (1910) preferiram retratá-lo em *decadência, uma ruína viva* qualquer (CESAR, Idem).

Portanto, se para o discurso Imperial o gaúcho real (bandido e marginal) foi esquecido pelos literatos, para o discurso republicano, a figura do pária social ressurge como *núcleo simbólico da tradição reordenada, modelo de liberdade, igualdade e humanidade* (ALBECHE, Idem).

A propósito de *O Gaúcho*, de José de Alencar, que enfatizou em 1870 a Revolução Farroupilha,

"essa obra foi caminho para a idealização da figura de Bento Gonçalves. Ele representa a alma pampa, símbolo da coragem, da honra, da justiça e da virtude. Com isso mantém intacta a dupla face do mito: o gaúcho é um ser heróico e Bento Gonçalves, sua encarnação rediviva no plano histórico" (CHAVES, 1985: 20).

Toda a literatura que se seguiu após a criação do Partenon Literário (1868), de Apolinário Porto Alegre (*O Vaqueano*, 1872) a Oliveira Belo (*Os Farrapos*, 1877); de Simões Lopes Neto (*Contos Gauchescos*, 1912) a Érico Veríssimo (*O tempo e o vento*, 1949) toda ela preocupou-se em fixar o mito do gaúcho: *a epopéia do gaúcho projetou-o no território do heroísmo; não obstante, também gerou a barbárie e a destruição* (CHAVES, Idem).

Para CHAVES (1985) *o gaúcho tem tanto de idealidade quanto o jeca de Lobato ou o brasileiro da ficção portuguesa, o cossaco de Gogol ou o pioneiro do faroeste:*

"Datar um desses tipos, isto é, espetá-lo numa era passada qualquer, imóvel, (...) não corresponde ao jogo mais exigente da vida social. Onde a ciência falha, a literatura, menos pretensiosa talvez, tem o direito de levantar os edifícios, aliás, mais sólidos, da sua fantasia" (Idem).

O que surpreende na história do Rio Grande do sul não é tanto a capacidade da oligarquia rural do passado de construir com grande coerência o edifício ideológico destinado a justificar seu poder e sua dominação. Isto, escreve José C. GUIZZO:

"todos os grupos dominantes de todas as eras sempre o fizeram, fazem e farão, com maior ou menor solidez. O que é impressionante [entretanto] é a sobrevivência desta construção e o fato de como, mais de meio século depois da completa desintegração do poder daquela oligarquia, continua debaixo do tapete a sujeira ali cuidadosamente depositada para impedir que empestasse o ar de um passado ideal, heróico, libertário e nobre" (1985: 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. 7.ed. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Publifolha., 2000. (Col. Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- ACUAN, Manuel. *Ronda Charrua*, Porto Alegre, Centro de Boa Imprensa.,1931.
- ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre, EDIPUCR, 1996. (Coleção História 13).
- ALVES, Francisco. *Sabe Moço*. XI Califórnia da Canção Nativa. Revista Canto Sul, Ijuí, LCR Martins., s.d.
- ANAIS do IV Congresso Rural. Porto Alegre, Tipografia Thurman., 1930.
- ANDRÉA, José de Souza Soares de. Relatório do Estado da província do Rio Grande de São Pedro. In FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre, EST.,1980.
- ARREGUI, J. J. Hernández. *?Que és el ser nacional? La consciência histórica hispano-americana*. Buenos Aires., 1963.
- ASSUNÇÃO, Fernando O. In CÔRTEZ, J. C. Paixão. *Falando em tradição e folclore gaúcho*. Excertos jornalísticos. Porto Alegre, Grafosul., 1981.
- _____. El Gaúcho. Estudio Sócio-Cultural. In. FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.

- AVÉ-LALLEMANT, Roberto. Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858) In CESAR, Guilhermino. *O gaúcho morreu --desde quando?* Correio do Povo, Porto Alegre, 14.dez. Caderno de Folclore., 1976.
- AZARA, Felix de. Memória rural do rio da Prata. In FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre, EST., 1980.
- _____. In NICHOLS, M. Wallis. *O Gaúcho*. Rio de Janeiro, Zelio Valverde., 1946.
- AZEVEDO, Thales de. *Gaúchos: a fisionomia social do Rio Grande do Sul*. 2. ed., Salvador, Progresso., 1958.
- BARCELLO, Rubens de. *Estudos Riograndenses*, Porto Alegre, Globo., 1960.
- BARCELOS, Ramiro Frota. *Gaúcho Rio Grandense e Gaúcho Platino*. Aproximações de Distanciamentos. In FLORES, Moacyr (Org.) *Cultura Sul Riograndense*. Porto Alegre, EST/ CIPEL/ ICP., 1981.
- _____. *O Rio Grande: tradição e cultura*. Porto Alegre, Flama Rodrigues., 1946.
- BASILE BECKER, Itala Irene. *Os índios Charrua e Minuano na antiga Banda Oriental do Uruguai*. Porto Alegre, PUCRS, 1982. (Dissertação de Mestrado).
- BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. Corpo e Alma do Brasil. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Difel., 1978.
- BEOZZO, José Oscar. A mulher indígena e a Igreja na situação escravista do Brasil colonial. In MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo, Cehila/Paulinas, 1984.
- BETTAMIO, Sebastião Francisco. Notícia particular do continente do Rio Grande do Sul. In MEYER, Augusto. *Gaúcho: História de uma palavra*. Porto Alegre, IEL/SEC-Globo., 1957.

- BORGES, Vany Pacheco. *O que é história*. 7. ed. São Paulo, Brasiliense., 1984.
(Col. primeiros passos-17).
- BORGES, Luiz Carlos. *Tropa de osso*. Revista Canto Sul. Ijuí., s.d.
- BRITO, Severino de Sá. *Trabalho e Costumes Gaúchos*. Porto Alegre, Erus., 1928.
- CALLAGE, Roque. *Cenas da vida gaúcha*. Porto Alegre, Globo., 1924.
_____. *Pampa*. In Almanaque do Globo para 1919. Porto Alegre, Globo.,
1919.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Rio
de Janeiro, Paz e Terra., 1977.
- CARONE, Edgar. *A República Velha: instituição e classes sociais (1889-1930)*. Rio
de Janeiro, Difel., 1978.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Tradição, ciência e povo*. São Paulo, Editora
Perspectiva, 1971. (Col. Debates: Etnografia)
_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro., 1972.
- CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul. Período Colonial*. Porto
Alegre. Globo., 1970.
_____. O gaúcho morreu --desde quando? *Correio do Povo*, Porto Alegre,
14.dez. Caderno de Folclore., 1976.
_____. *O conde de Piratini e a Estância da Música*. A administração de um
latifundiário rio-grandense em 1832. Porto Alegre, EST-IEL; Caxias do Sul,
UCS., 1978a.
_____. *O contrabando no Sul do Brasil*. Caxias do Sul-Porto Alegre, EST.,
1978b.
_____. Amigos e inimigos de Martin Fierro. In JOBIM, Leopoldo. *Martin
Fierro/José Hernández*, Caxias do Sul, UCS/EST, 1980.

- CHAVES, Flávio Loureiro. Os farrapos na literatura. In *Zero Hora*, Porto Alegre, 20. Set. ZH Farrapos 1835-1985., 1985.
- CHIAVENATO, Júlio José. Bandeirantismo, dominação e violência. 3.ed. São Paulo, Moderna., 1991.
- CIDADE, Francisco de Paula. *Dois ensaios de História*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército., 1966.
- CIRLOT, Ivan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo, Moraes, 1984.
- CONDE D'EU. Viagem militar ao Rio Grande do Sul (1865). apud. ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre, EDIPUCR, 1996. (Coleção História 13).
- CORBIERE, Emílio. *El Gaucho*. Buenos Aires. Tallares Gráficos P. Argentinos/LJRosso., 1929.
- CÔRTEZ, J. C. Paixão. *Danças e Andanças da Tradição Gaúcha*. 2. Ed. Porto Alegre, Garatuja., 1975.
- _____. *Falando em tradição e folclore gaúcho*. Excertos jornalísticos. Porto Alegre, Grafosul., 1981.
- COSTA, Renato. *Ensaio de História e problemas sociais econômicos*. Porto Alegre, Globo., 1937.
- DACANAL, Hildebrando. A miscigenação que não houve. In. FREITAS, Décio (Org.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto., 1980.
- DORNELLES, Mário Barbará & NAPP, Sérgio. *Campesina*. Revista Nativismo. Santa Maria, Abr. nº 3., 1983.

- DREYES, Nicolau. Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul (1839). In LAYTANO, Dante de. *Fazenda de criação de gado*. Porto Alegre, Imprensa Oficial/Museu Júlio de Castilho., 1950.
- DUARTE, Onésimo & OTTO, Édson. O movimento tradicionalista gaúcho. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 14 dez.1976. (Caderno de Folclore).
- DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. Medicina veterinária popular. In Profissão Médico Veterinário. Pelotas, UFPel-RS. (Monografia de Graduação), 1981.
- _____. *O gaúcho celebrante*. O gaúcho historicamente marginalizado em busca de um ritual litúrgico que celebre sua realidade hoje. Porto Alegre, ITCR/PUC-RS. Monografia de Graduação., 1985a.
- _____. Os heróis anônimos. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 out. 1985b.
- _____. Missa Crioula e ideologia. *TeoComunicação*. Revista do Instituto de Teologia e Ciência Religiosas da PUC-RS, Porto Alegre, nº 73., 1986.
- _____. *Ofaié, morte e vida de um povo*. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul., 1996.
- _____. *Razão e Utopia, textos rebeldes*. Andradina, LC Artes Gráficas., 1998.
- EBELOT, Alfredo. *La Pampa: costumes argentinos*. Buenos Aires. Giordia e Rodriguez., 1943.
- FAGUNDES, Glênio. Cevando o mate. No rumo de uma cultura própria. 6. ed. Porto Alegre, Edições Querência., 1983.
- _____. Gaúcho de corpo e alma. Revista *Cacimba*. Porto Alegre, Junho-Julho.1984. (Entrevista).
- FERREIRA, A. Augusto & FERREIRA, E. dos Anjos. Descaminhos. XII Califórnia da Canção Nativa. *Revista Canto Sul*, Ijuí, nº 3., LCR-Martins., s.d.
- FERREIRA, André. A nação indígena caminha rápido para sua extinção. E restaram apenas 12 mil índios. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4. Abr. 1983 a 18. Jun.1984

- FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor. 1984. (Série histórica gaúcha nº 1) .
- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.
- FRANCO, Sérgio da Costa. A Campanha rio-grandense. In PRADO, Aurea et. Alii. *Rio Grande do Sul, Terra e Povo*. Porto Alegre, Globo., 1960.
- FREITAS, Décio. Farrapos: Grandeza e Miséria da Revolução. In *Zero Hora*. Porto Alegre, ZH-Cultura, 11.Mai. 1985a.
- _____. In. LOPEZ, Luiz Roberto. A Revolução Farroupilha. *Jornal do Unificado*. Porto Alegre, Mai. 1985b.
- _____. *O capitalismo pastoril*. Porto alegre, EST., 1980a.
- _____. O mito da produção sem trabalho. In *RS: Cultura e Ideologia.*, Porto Alegre, Mercado Aberto., 1980b.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra., 1978.
- GAY, João Pedro. In. MEYER, Augusto. *Gaúcho: História de uma palavra*. Porto Alegre, IEL/SEC-Globo., 1957.
- GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra., 1983.
- GENRO, Tarso Fernando. RS: Tradição jurídica e relações políticas: um estado introdutório. In FREITAS, Décio. (Org.) *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto., 1980.
- GHISOLFI, Alda Maria do Couto. *Alcides Maya e Simões Lopes Neto: a desmitificação do gaúcho*. Porto Alegre, ILA/PUCRS., 1979 (Dissertação de Mestrado)

- GIRARDET, Raul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. In: JORGE, Stella Maris Floresani. *Filinto Miller: memória e mito* (1933-1942). Universidade de São Paulo-USP-FFLCH, São Paulo., 1993 (Dissertação de Mestrado).
- GOLIN, Tau. *A Ideologia do gauchismo*, Porto Alegre, Tchê., 1983a.
_____. *Bento Gonçalves: o herói ladrão*. Santa Maria. LGR Artes., 1983b.
- GOMES DE FREITAS, Luiz G. *Estâncias antigas, veículos de carga, cânhamo e linho*. Porto Alegre, Comissão Nacional de Folclore/IEBC., 1954.
- GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In FREITAS, Décio (Org.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto., 1980.
- GOULART. Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre, EST/Martins Livreiro., 1978.
- GUIZZO, José C. Traição e hipocrisia. In *Já*, Porto Alegre, Out. 1985. História nº 1.
- HERNANDARIAS. In: FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.
- HOBSBAWM, Eric J. Os Bandidos. In DE DECCA, Edgar S. *Rebeldia e revolução na história social*. Apud. BRESCIANI, Maria Estella et. alii. *Jogos da Política: imagens, representações e prática*. São Paulo, Anpuh/Marco Zero., 1992.
_____. A história de baixo para cima. In *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras., 1998.
- HUGARTE, Renzo Pi. *Los indios de Uruguay*. 2.ed. Quito, Mapfre., 1995. (Colección Pueblos y Lenguas Indígenas 3).

- IANNI, Otávio. In. JORGE. Stella Maris Floresani. *Filinto Miller: memória e mito (1933-1942)*. Universidade de São Paulo-USP-FFLCH, São Paulo., 1993 (Dissertação de Mestrado).
- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro, Imago., 1976.
- JAQUES, J. Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ERUs., 1979.
- JORGE, Stella Maris Floresani. *Filinto Miller: memória e mito (1933-1942)*. Universidade de São Paulo-USP-FFLCH, São Paulo., 1993 (Dissertação de Mestrado).
- LABROUSSE, Ernest (Org). História social: Problemas, fontes e métodos. In FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação. Projeto História, São Paulo, PUC/Educ. jun. v. 4., 1988.
- LARA, Elizatbeth Rizzato. *O gaúcho a pé: um processo de desmitificação*. Porto Alegre, PUCRS, 1979., (Dissertação de Mestrado).
- LASTARRIA. In NICHOLS, M. Wallis. *O Gaúcho*. Rio de Janeiro, Zelio Valverde., 1946.
- LAYTANO, Dante de. *Fazenda de criação de gado*. Porto Alegre, Imprensa Oficial/Museu Júlio de Castilho., 1950.
- _____. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre, EST., 1981.
- _____. *Folclore do Rio Grande do Sul*. Levantamento dos costumes e tradições gaúchas. Caxias do Sul, EDUCS/EST/Martins Livreiro., 1984.
- LEGUIZAMON, Mariano. In TINCKER, E. Larocque. *Los jinetes de las Américas (y la literatura por elles inspirada)*. Buenos Aires, Guillermo Kraft., 1952.
- LÉNISSON, Jean. O objeto material da pesquisa: o documento. In *Iniciação aos estudos históricos*. 4. ed. São Paulo, Difel., 1983.

- LESSA, Luiz Carlos Barbosa & CORTES, Paixão. *O Sentido e o valor do Tradicionalismo*. Porto Alegre, Comissão Estadual do Folclore/ IBECR., 1954.
- _____. *Danças e Andanças da Tradição Gaúcha*. 2. Ed. Porto Alegre, Garatuja., 1975.
- _____. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre, Globo., 1984.
- LIMA, Alcides. *História popular do Rio Grande do Sul*. 2. Ed. Porto Alegre, Globo., 1935.
- LOPES NETO, J. Simões. *Terra gaúcha*. Porto Alegre, Sulina., 1955.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil colonial*. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto., 1983.
- _____. O mito do gaúcho. In. A Revolução Farroupilha. *Jornal do Unificado*. Porto Alegre, Maio. 1985.
- MACEDO, F. Riopardense de. Ocupação do solo gaúcho até a Revolução Farroupilha. In *Zero Hora*, Porto Alegre, 20. Set. ZH Farrapos 1835-1985., 1985.
- MACHADO, João Batista & NETO, Julio Machado da Silva. *Guri*. XIII Califórnia da Canção Nativa. Revista Canto Sul., s.d.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo gaúcho*. Resistência e trabalho. São Paulo, Brasiliense., 1985.
- MAGALHÃES, João Batista de. A evolução militar no Brasil. In. FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.
- MAGALHÃES, Manoel Antônio de. Almanak da Vila de Porto Alegre, com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Etnográfico do Brasil*, tomo 30, 1ª parte., 1867.

- MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo, Cehila/Paulinas., 1984.
- MEYER, Augusto. *Gaúcho: História de uma palavra*. Porto Alegre, IEL/SEC-Globo., 1957.
- MOFFATT, Alfredo. *Psicoterapia do oprimido*. Ideologia e técnica da psiquiatria popular. 6. ed. São Paulo, Cortez., 1986.
- MOLAS, Ricardo Rodrigues. *História Social del Gaucho*. Buenos Aires, Maru., 1968.
- MORAIS, Carlos Dante. O povo Rio-grandense na véspera de 35. *In Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense*. Porto Alegre, Globo., 1959.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo Gaúcho; um estudo tipológico*. Porto Alegre, PUCRS/ ILA., 1979 (Dissertação de Mestrado).
- MULLER, Geraldo. *Periferia e dependência nacional*. São Paulo, USP., 1972.
- NICHOLS, Madaline Wallis. *O Gaúcho*. Rio de Janeiro, Zelio Valverde., 1946.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e beduínos*. A origem étnica e formação do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, José Olympio, 1948. (Col. Documentos Brasileiros), v. 57.
- OVIEDO, In. BASILE BACKER, Itala Irene. *Os índios Charrua e Minuano na antiga Banda Oriental do Uruguai*. Porto Alegre, PUCRS., 1982. (Dissertação de Mestrado).
- PANTO, Manco le. In. FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A República Velha Gaúcha*. Porto Alegre, Movimento., 1980.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto., 1982.

_____. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo, Brasiliense., 1985b. (Col. tudo é história)

_____. & OSTERMANN, Nilse. Que história é essa? *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 mai. 1985a., Zero Hora Cultura.

PINTO, Céli Regina Jardim. O republicanismo na segunda metade do século 19. Porto Alegre, 20 set., *Zero Hora Farrapos 1835-1985.*, 1985.

POMER, León. *El gaucho*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina., 1971.

_____. *Os conflitos da Bacia do Prata*. São Paulo, Brasiliense., 1979.

PRADO, Aurea et. Alii. *Rio Grande do Sul, Terra e Povo*. Porto Alegre, Globo., 1960.

PUIGGRÓS, Rodolfo. *De la colonia a la revolución*. 4. ed. Buenos Aires, Ediciones Leviatán., 1957.

RAGO, Margareth. Do Caberé ao Lar: a utopia da cidade de São Paulo (1890-1930)
In. SILVA, Zélia Lopes da. A História Social em Debate. *Pós-História*, Assis, Unesp. 1994., v.2.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*. 4. Ed. Petrópolis, Vozes., 1983.

RIBEIRO, Maria de Loudes Borges. *Folclore*. Biblioteca Educação é Cultura, Rio de Janeiro, MEC/Fename/Bloch., 1980.

RODRIGUES, José Honório. *O continente do Rio Grande (1680-1807)*. São Paulo, Brasiliense , 1986. (Coleção Tudo é História).

SAINT-HILAIRE, Augusto de. Viagem do Rio Grande do Sul. In FREITAS, Décio. *O capitalismo pastoril*. Porto Alegre, EST., 1980.

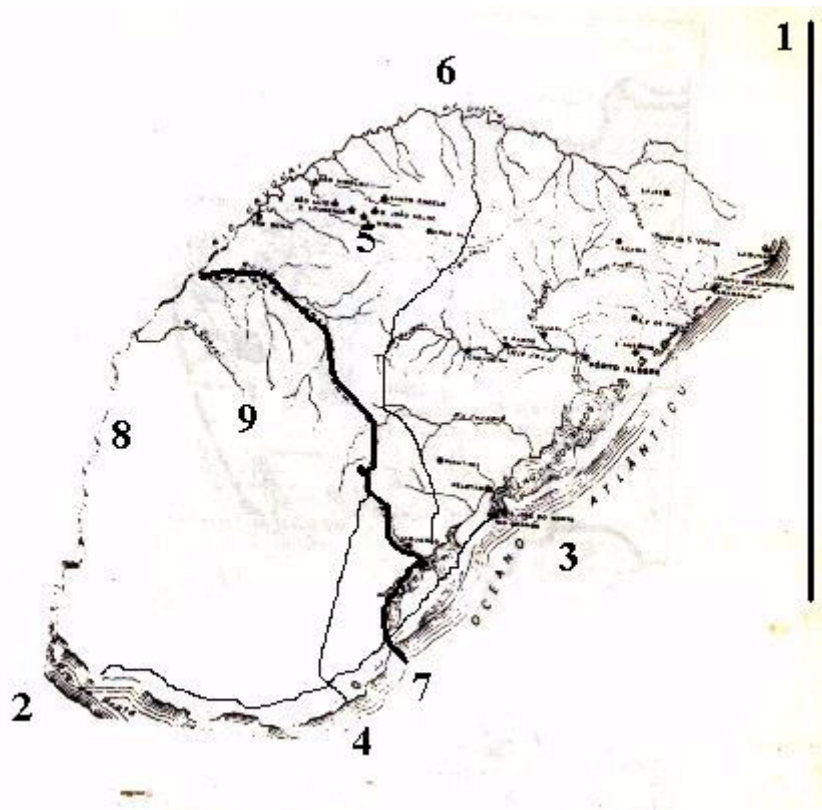
- SALDANHA, José de *Diário resumido e histórico de 1787*. In GARCIA, Rodolfo & PÔRTO, Aurelio. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro., 1938. v. 2.
- _____. In FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo, Diário da Manhã., 1982.
- _____. *Diário resumido e histórico de 1787*. In GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre, Tchê., 1983.
- SAMPAIO, Fernando. In. LOPEZ, Luiz Roberto. O mito do gaúcho. In. A Revolução Farroupilha. *Jornal do Unificado*. Porto Alegre, Maio., 1985.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. *O homem índio sobrevivente do Sul*. Florianópolis, UFSC, Caxias do Sul, UES, Porto Alegre, ANAÍ-EST-Caratuja., 1978.
- SARMIENTO, Domingos F. In. ARREGUI, J. J. Hernández. *?Que és el ser nacional?* La consciência histórica hispano-americana. Buenos Aires., 1963.
- SEIDLER, Carlos. In. LAYTANO, Dante de. *Fazenda de criação de gado*, Porto Alegre, Imprensa Oficial/Museu Júlio de Castilho., 1950.
- SHARPE, Jim. *A história vista de baixo* In. BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história, novas perspectivas*. São Paulo, Unesp., 1992.
- SPALDING, Walter. *Na voz do povo*. Ensaios de folclore. Porto Alegre, UCS/EST/Martins Livreiro.. 1979.
- TELLES, Jorge. Cacequi na história. Coletânea Histórica Argeu dos Santos Carvalho. Cacequi, VCS Editora, 1998.
- TINCKER, E. Larocque. *Los junetes de las americas (y la literatura por elles inspirada)*. Buenos Aires, Guillermo Kraft., 1952.
- VELLINHO, Moysés. *O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino*. Belo Horizonte, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Jan. 1958., v. 3.

_____. *O Rio Grande e o Prata: contrastes*. Porto Alegre. IEL/SEC. Globo., 1962.

VIVES, Enrique Mendes. Artigas y La Patria grande. In. GOLIN, Tau. *Bento Gonçalves: o herói ladrão*. Santa Maria. LGR Artes., 1983.

ZILBERMAN, Regina. *Do Mito ao Romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Caxias do Sul/ UC; Porto Alegre/ EST., 1977.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Mercado Aberto., 1980.



Evolução da Conquista do Território Rio-Grandense

- (1) 1494-Tratado de Tordesilhas (O Rio Grande do Sul era totalmente espanhol)
- (2) 1680- Fundação da Colônia do Sacramento (a presença portuguesa quebra o monopólio espanhol na área)
- (3) 1737- Fundação do Presídio de Rio Grande (aumenta a ocupação regular portuguesa)
- (4) 1750- Tratado de Madrid (revogou o Tratado de Tordesilhas e para assegurar a navegação exclusiva do Prata trocou a Colônia de Sacramento pelo Sete Povos Orientais. Portugal ficou com Bacia Amazônica e Espanha com Bacia do Prata)
- (5) 1761- Tratado do Pardo (Jesuítas não aceitam a autoridade portuguesa. Índios guarani reagem a transferência para o ocidente do rio Uruguai. Guerra Guaranítica. anula o Tratado de Madrid)
- (6) 1777- Tratado de Santo Ildefonso (criou os campos neutrais amparo dos gaúchos marginais)
- (7) 1801- Tratado de Badajoz. Conquista Militar das Missões (Sete Povos) pelos portugueses
- (8) 1821- Tratado de Incorporação (Província Cisplatina) do Uruguai ao Brasil (liberto em 1828)
- (9) 1851- Tratado de 1851 (incorporou terras ao sul do rio Ibicuí, definindo os contornos do território do atual estado do Rio Grande do Sul).